



O LEGADO DE CONTOS E POEMAS VAMPÍRICOS
BRAM STOKER



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2021

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS

Introdução: Por Roberto Schima, pág. 04
Draculea, por Ademir Pascale, pág. 06
Klaus o vampiro, por Vicky F. Moravia, pág. 09
Sonho carmesim, por César Allori Quinino, pág. 15
Intermitentes Aproximações; ou, Quando a Luz passa pelas Trevas, por Cílio Lindenberg, pág. 19
Campiros existem?, por David Saches, pág. 26
O novo vampiro de Curitiba, por Fernando Antonio Prado Gimenez, pág. 32
Um amor mais ou menos eterno, por Gilson Salomão Pessôa, pág. 38
Por amor ao seu sangue, por Roberto Schima, pág. 44
Aldravia vampírica, por Rozz Messias, pág. 52
Vampiro, por Rozz Messias, pág. 54
Beijo de sangue, por Andresa Callegari, pág. 56
Conheça outros títulos da coleção, pág. 58

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br

www.facebook.com/conexaoliteratura



INTRODUÇÃO

Como já foi mencionado em algumas antologias nas quais participei, fui um garoto que amava monstros. Ah, sim, tremia de medo, levava meus sustos, mas não deixava de vê-los, fascinado. Fossem através dos gibis que adquiria em sebos, dos *pockets* de R. F. Lucchetti ou de filmes como os da produtora britânica Hammer.

Invariavelmente, ele estava lá: Drácula, o Príncipe das Trevas.

Através dos desenhos de Nico Rosso ou das interpretações de Christopher Lee, o vampiro ganhava vida diante dos meus olhos e perambulava através das noites sombrias a fim de cravar seus dentes na jugular de lindas mulheres.

Inúmeras foram as aparições da personagem desde a estréia em 1922 do filme *Nosferatu, Eine Symphonie des Grauens*, dirigido por Friedrich Wilhelm Murnau, trazendo Max Schreck como o Conde Orlok. (Um plágio, já que os produtores não tinham conseguido adquirir os direitos da adaptação da obra original.) Passou pelo clássico *Drácula* de Bela Lugosi, os filmes com o já citado Christopher Lee e muito mais. Inúmeros outros atores representaram o vampiro: Frank Langella, Jack Palance, Leslie Nielsen (!), Gary Oldman, Gerard Butler, Richard Roxburgh, Jonathan Rhys Meyers, Luke Evans etc.

Mas, e quanto ao dito cujo, o conde vampiro?

Mais tarde, na adolescência, vim a conhecer o livro que deu origem a tudo o que foi mencionado acima: "Drácula", de autoria do irlandês nascido em Dublin, Abraham Stoker, mais conhecido como Bram Stoker.

As lendas sobre sugadores de sangue já existiam em diferentes partes do globo, porém, aquelas que chegaram até os dias atuais foram-nos trazidas por volta do século XVI do Leste Europeu, sendo as criaturas chamadas de *wampyr*. Locais como a Valáquia, os Montes Cárpatos e, particularmente, a Transilvânia tornaram-se familiares. Mas as características de seus vampiros variavam: sobancelhas unidas, lábios grossos e rubros, palidez e magreza extremas, mãos peludas, cabelos ruivos, uma única narina, lábio leporino etc.

Em 1847 foi publicado *Varney, o Vampiro ou o Banquete Sangrento*, de James Malcolm Rymer e Thomas Peckett Prest.

Entre 1872 e 1873 foi publicada a noveleta *Carmilla*, do também irlandês Joseph Sheridan Le Fanu, a qual influenciaria a obra de Stoker.

Somando-se as lendas e tomando como base a vida de um nobre romeno, *Vlad Drakul*, Bram Stoker legou ao mundo em 1897, final da Era Vitoriana, um dos mais famosos monstros criados pela ficção. No imaginário popular, ele deu forma a figura definitiva do vampiro: o elegante, hipnótico e

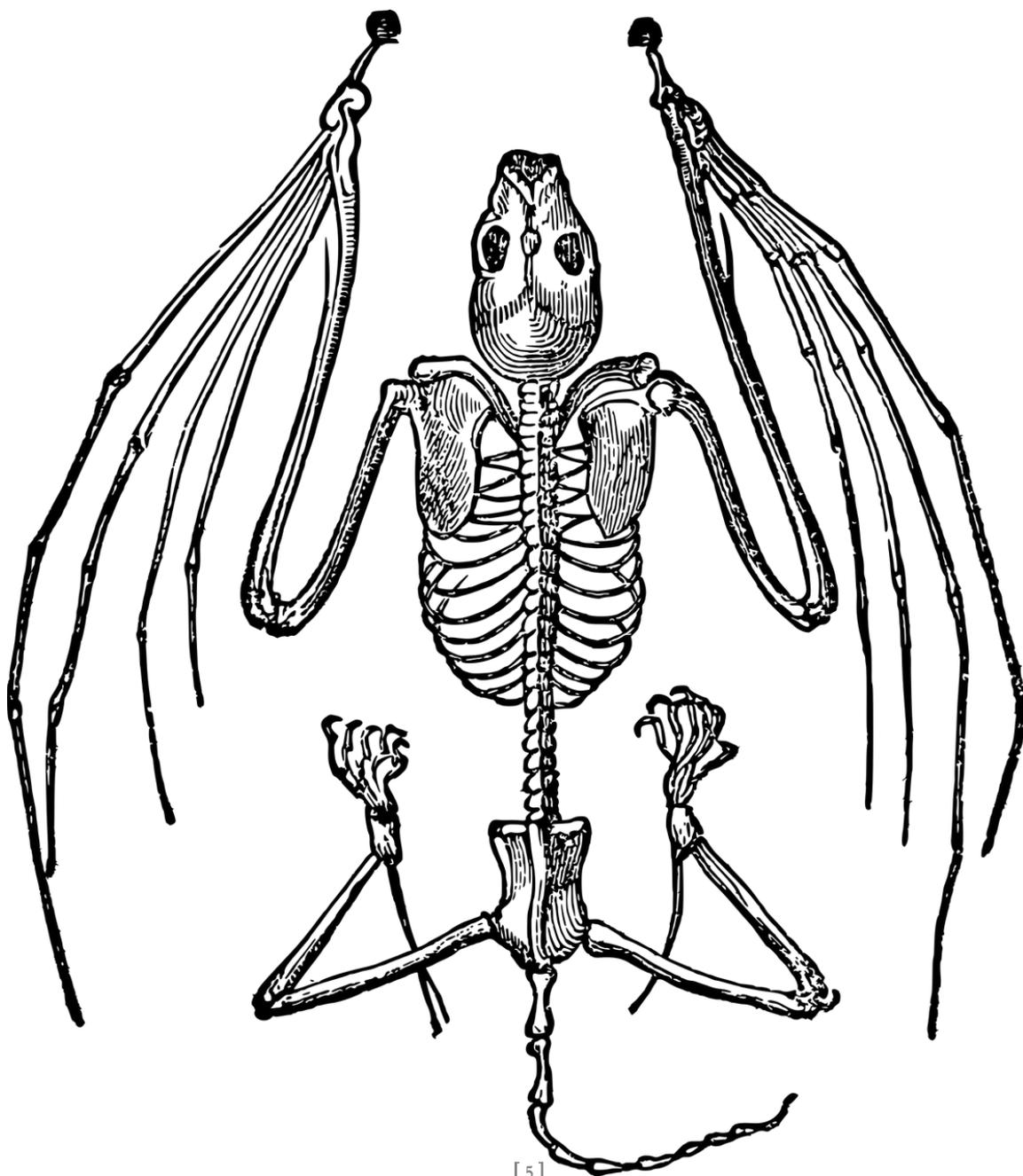
terrível Conde Drácula. A partir daí, as madrugadas jamais foram as mesmas... e nem as gargantas.

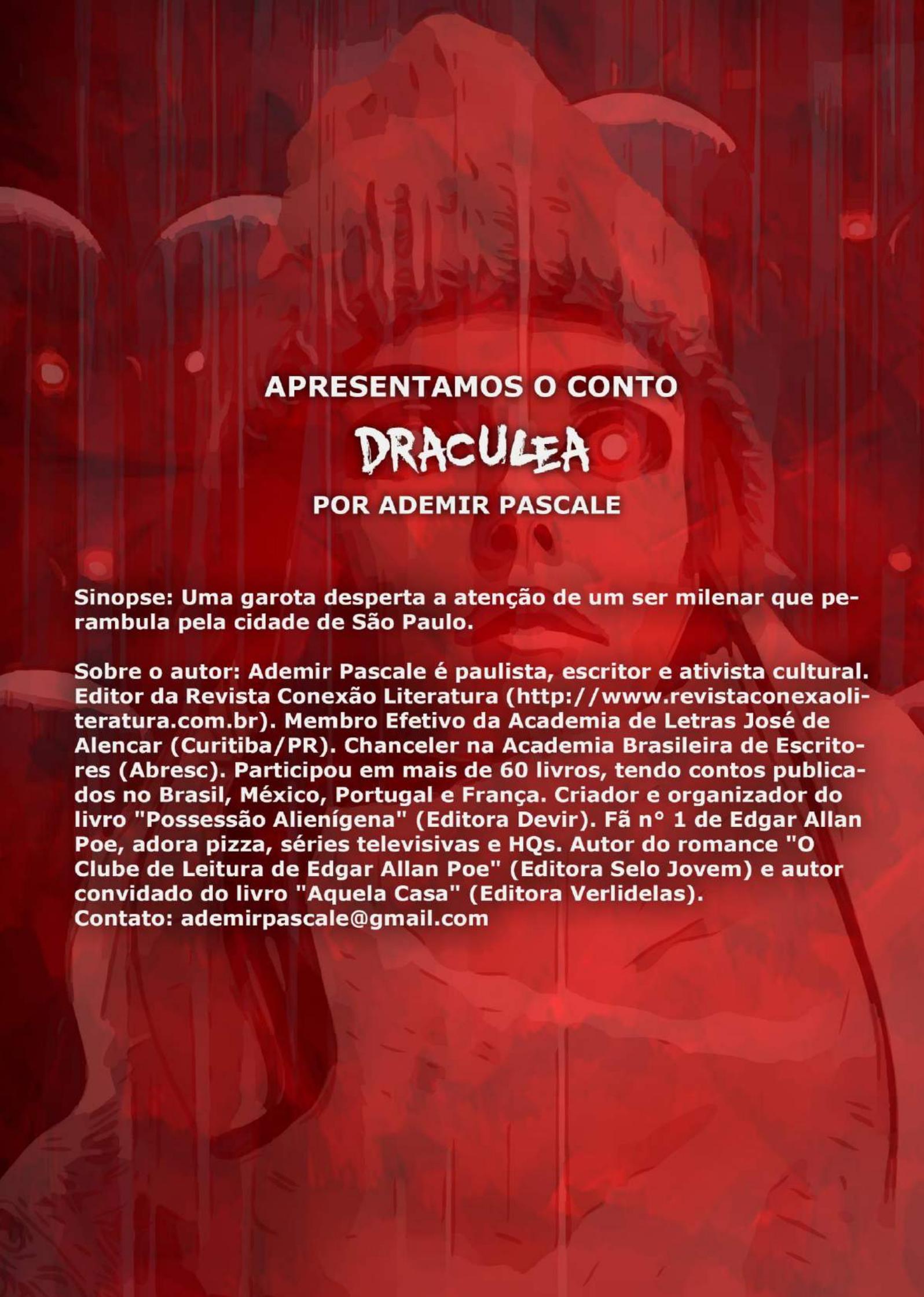
A presente antologia, organizada por Ademir Pascale, da qual tenho a satisfação em fazer parte, pretende homenagear o ilustre escritor e trazer à tona novos relatos sobre as instigantes criaturas da noite que tanto enriqueceram a minha meninice. Espero que agradem ao leitor. São textos úmidos, viscosos, de odor penetrante, a cintilar o rubro de suas veias nas palmas das mãos.

Protejam suas jugulares!

Roberto Schima

Escritor





APRESENTAMOS O CONTO

DRACULEA

POR ADEMIR PASCALE

Sinopse: Uma garota desperta a atenção de um ser milenar que perambula pela cidade de São Paulo.

Sobre o autor: Ademir Pascale é paulista, escritor e ativista cultural. Editor da Revista Conexão Literatura (<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br>). Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Participou em mais de 60 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, Portugal e França. Criador e organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir). Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor do romance "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe" (Editora Selo Jovem) e autor convidado do livro "Aquela Casa" (Editora Verlidelas).

Contato: ademirpascale@gmail.com

Do alto do prédio da Gazeta, visualizo a Avenida Paulista de ponta a ponta: pequenas formigas aglomeradas num trânsito robótico, num vaivém nauseante. Os agudos e frios sons das buzinas inebriam a minha memória, fazendo-me sentir um êxtase tão prazeroso que toca lá no fundo deste negro e histórico coração. Os *flashes* de antigas batalhas e o som das trombetas que as anunciavam eram semelhantes, diferenciando apenas que naquele tempo maldito a luta era corpo a corpo e com duração de poucos dias. Hoje, a luta é contra o estresse, contra as modernas doenças que acabam com artérias, invadem corpos e mentes amaldiçoando fracos corações... Sinto a dor destas formigas e sinto pena ao olhá-las lá embaixo, indo para suas casas para que no dia seguinte, logo cedo, estejam de volta, e isso se repetirá dia após dia, ano após ano, até o corpo adoecer, envenenando o que lhes é mais precioso, o sangue. Estou doente, pois também estou contaminado, o sangue deles corre em minhas veias e sinto muita dor, uma dor infernal... Sinto algo escorrer em minha face, uma lágrima, a primeira em muitos milênios. Lembro de ter sentido algo semelhante quando vi minha mãe ser aprisionada eternamente nos confins do inferno, simplesmente por ter amado mais do que devia. Lilith, minha mãe, não teve julgamento e muito menos perdão daquele que a criou. Temida na idade média e censurada nos manuscritos bíblicos, hoje reina ao lado do banido anjo caído Satanás, e os excluídos e malditos compõem sua legião de eternos e escravos súditos. Afinal, o que é certo e o que é errado, além de um aglomerado de regras criadas pelo próprio homem? Por que tenho que segui-las se sou eterno e não obedeço a um Deus que castigou eternamente e severamente aquela que me pariu?

Olho para a grande bola de fogo se pondo atrás dos prédios cinza. Minha gengiva se retrai e meus caninos ficam expostos. Minha visão torna-se mais aguçada, como de todos os seres da noite. Visualizo minha provável presa. Minhas narinas se retraem, sinto o seu delicioso e vicioso aroma de perfume francês contrabandeado. Meus punhos se fecham fortemente e minhas veias pulsam freneticamente. Num único e certo salto atinjo a calçada. Uma criança com a mãe numa banca de jornal vê minha proeza. Mostro meus caninos. Ela finge esquecer o que viu e baixa rapidamente a sua pequenina e mortal cabeça. Dou uma forte tragada até meus pulmões se encherem por completo.

Ela está do outro lado da avenida, como sempre, às 18h30. Meus olhos vacilam ante o perigo de ser descoberto. Fico imóvel. Fixo o olhar em seus vermelhos cabelos que esvoaçam sob um simples gesto dos ventos. Sua face não apresenta felicidade, nem maldade, nem coisa alguma. Espero. Ela fica estática na beira da calçada. Olha para o

nada, para o profundo e escuro nada e, numa brecha, atravesso a avenida sem ao menos me preocupar com os furiosos carros e nervosas motocicletas. O tempo para. Caminho com devoção em sua direção. Ela continua estática e desta vez parece olhar para os olhos meus. Meus passos inebriam nossa proximidade. Paro em sua frente, e apenas um palmo de distância nos separa. Seus olhos continuam estáticos, frios e sem movimento. Diferente do seu coração que pulsa num ritmo frenético e acelerado. Seu sangue, quente e doce, corre rapidamente nas veias. Seguro o seu braço direito. Ela sorri. Atravesso a extensa avenida em sua companhia. Penso em pronunciar palavras, mas antes de tal ato outro pensamento diz que não. Minha poderosa e rouquenha voz poderia revelar o meu segredo, então permaneço mudo, torcendo para que demoremos uma eternidade até alcançarmos a calçada, fato que não se concretiza, pois logo estamos nela. Ela agradece e, educadamente, faço-lhe um gesto de cordial reverência. Ela não nota, como sempre. Mesmo assim, acompanho seus passos até os degraus do ônibus que a conduzirá até sua residência. Penso em acenar quando ela parte. Mas seu olhar continua fixo para o nada. Ela se vai, mas sei que amanhã, neste mesmo horário, estará aqui.

Minha amada, eterna amada Catherine. Acompanho seus passos há quatro séculos, mas prefiro preservá-la de minha demoníaca e eterna doença denominada *Eternidade*. Catherine renasce, falece, renasce e falece eternamente. Eu a espero, pacientemente, como sempre.

Ela se vai. O seu frio olhar permanece em minha mente. Meu segredo está guardado. Ela nunca saberá quem sou ou o que sou. Ela é cega.





APRESENTAMOS O CONTO
KLAUS O VAMPIRO
POR VICKY F. MORAVIA

Sinopse: O que aconteceria se a humanidade conseguisse proibir os vampiros de se alimentarem de sangue humano.

Sobre a autora: Vicky F. Moravia é do Ceara, escreve contos e poesias , maiores informações e novidades sobre suas publicações, no perfil de Instagram: @vickyfmoravia

Há séculos a existência de vampiros é de conhecimento da humanidade, a relação entre as diferentes espécies nem sempre foi amistosa.

As criaturas da noite dividiam-se em dois clãs: os *Dragulescos*, surgiram originalmente na Transilvânia, acreditavam que eram descendentes do Conde Drácula pois tinham em comum uma marca de nascença, um sinal em formato de cruz invertida e havia os Chupins de origem dispersa e desconhecida, sem sinais que os identificassem, estes últimos não queriam servir aos primeiros, que se declaravam senhores do mundo por se considerarem puros e extraordinários. Os dois grupos sempre estavam em conflito.

Ocorre que no século XV, os *Dragulescos*, se voltaram contra a humanidade, vistos por eles simplesmente como Gado. Por alguns anos fomos presas fáceis.

Os seres humanos em um ato de total desespero foram em busca de uma aliança com os únicos que conseguiriam combater nossos algozes.

Surpreendentemente eles aceitaram nos ajudar, também desejam se livrar de seus eternos antagonistas.

Foram anos de batalhas sangrentas, o inimigo era muito cruel, nossos aliados retribuía à altura, com brutalidade.

Ao final da Guerra a improvável associação obteve êxito, contra o adversário em comum. Os séculos a seguir foram de grande prosperidade.

A humanidade nunca confiou plenamente em nossos novos aliados, durante a guerra pode se observar de perto como eram animais, e como saber se esses não são iguais aqueles? Em algum momento vão se voltar contra nós? E o principal ponto de divergência, eles ainda bebiam sangue humano.

Os seres humanos passaram a reivindicar o direito de não servirem como alimento, então um acordo foi ratificado, somente sangue animal era permitido.

Posteriormente, passou a se debater se realmente sangue era a substância alimentar correta para os sanguessugas, que era o alimento ideal a milhares de anos mais atualmente era algo retrogrado, se não seria essa a causa de tanta agressividade e falta de controle deles.

Então uma grande revolução aconteceu, inventaram o sangue sintético proteico, comercialmente vendido como Sanhelsing que era mais saudável e nutritivo que o sangue humano por não conter radicais livres nem gordura saturada.

Sua fórmula era um grande mistério, mas o fato é que muitos hematófagos aderiram a essa dieta, outros mais resistentes ainda se alimentavam de sangue animal.

Quando os bebedores de sangue tentavam reivindicar seus direitos sempre as antigas desconfianças voltavam, os fazendo se calarem.

Como já tinham uma nova forma de se alimentar, em pouco tempo foi decretada uma lei que os proibia de beberem qualquer tipo de sangue.

A pena para quem descumprisse tal lei era capital por exposição ao sol, os condenados deveriam queimar até virar pó.

Uma minoria tentou se rebelar, mas estavam desnutridos, pois, sangue animal não é tão nutritivo e logo foram esmagados pelas autoridades e de brinde ganharam uma nova lei que os obrigava a terem seus dentes caninos extraídos. Os dentes não nasceriam novamente, pois já se sabia que uma substância existente no sangue humano regenerava os ferimentos dos vampiros.

Com o passar do tempo os parasitas se tornaram seres barrigudos e “bundudos”, tímidos e deprimidos que consideravam seus hábitos muito velhos, cafonas e violentos que em nada combinavam com a sociedade atual tão próspera, moderna e pacífica, para sobreviverem muitos dependiam de doações de Sanhelsing fornecido pelo governo.

Outros encontravam meios mais criativos de se saciarem.

Júlia teve um dia terrível no trabalho, estava cansada, seu corpo parecia pesar uma tonelada, queria um pouco de privacidade, penteou os cabelos se maquiou, dispensou o motorista e foi a uma boate que a tempos queria conhecer, estava louca para tomar uma cerveja bem gelada.

Ao entrar no *Mina Beach Club*, logo percebeu a presença de um homem que roubou todas suas atenções, lindo, atlético de postura ereta e ar confiante e o melhor de tudo, correspondia aos olhares dela.

Klaus ficou hipnotizado pela bela jovem de olhos castanhos que se sentou no balcão do bar, a achava linda, mas isso não era o mais importante, ele sentia de longe o cheiro forte que ela exalava. Era uma delícia e ele a desejava mais do que qualquer outra coisa.

Sem procrastinar, Klaus vai até ela.

— Boa noite. A senhorita permite que eu me sente ao seu lado?

— Senhorita? — Júlia ri.

— Sim, pelo que vejo em suas mãos, não é casada. Está tudo bem? Parece cansada, dia de trabalho estressante?

— Sim, foi, mas nem seu nome, eu me chamo Júlia.

— Perdoe a minha falta de educação senhorita Júlia, eu sou Klaus, deixe eu pagar uma bebida para reparar esse meu erro.

— Tudo bem, quero uma cerveja — Júlia não entendia o jeito de Klaus, mas de perto ele era ainda mais atraente com aqueles olhos azuis e cabelo loiro.

Klaus pede ao balconista a cerveja mais gelada.

O som na boate aumenta fazendo eles terem que aproximar o rosto um do outro para poderem, conversarem. Resolveram ir dançar.

Rapidamente os dois estavam dançando e se beijando. Júlia sentia a perna estremecer só em escutar aquela voz grossa e Klaus se segurava para não a possuir ali mesmo na frente das pessoas.

No bar começa a tocar a música *Beautiful Girl* do INXS.

— Vamos para um lugar mais tranquilo? — perguntou ele.

— Não!

— Não quer? — Klaus um pouco surpreso.

— Eu quero sim, mas hoje não posso, eu estou ...— Disse Júlia meio constrangida.

— Ah, é isso? Não fique assim, daremos um jeito. — Klaus a puxa para mais perto de si e a beija com volúpia, a fazendo mudar de opinião.

Júlia resolve levá-lo para seu apartamento.

Sem nem fechar a porta direito, a jovem é puxada pelo cavalheiro misterioso da boate, que a beija e olhando fixamente para os olhos dela, desabotoa a camisa e retira a saia que ela vestia, passando a mão por todo corpo longilíneo da moça.

Ele vira o pescoço dela, observa as veias azuis. Sua boca se enche de água. Ele beija, chupa e mordisca, querendo ir mais longe, mas sabe que poderia ser preso e condenado à morte se cometesse tal ato, sem contar que Klaus jamais faria isso sem o consentimento de Julia.

Ele a cheira e a toca intensamente e ela retribui tirando o sutiã. Parecia um pouco transparente, pois nos seios também dava para ver as veias, mas ele achava excitante. Vai chupando os seios e já vai passando a mão por entre as pernas sentindo o absorvente. Olhando nos olhos dela, ele ri maliciosamente.

— Tudo bem para você? — Perguntou Julia, um pouco envergonhada.

Klaus balançou a cabeça em sinal de positivo e lançou-se a retirar alucinado, a calcinha dela e sem mais enfiou sua língua macia, quente e faminta nas partes íntimas da moça, saboreando a fonte de alimento que saciava a eterna fome que o consumia.

— Gostosa... você estava me deixando louco, com esse cheiro..., beberei tudo, tudinho, todo esse melzinho...

Julia não entendia direito aquele fetiche que ela considerava estranho, mas estava adorando. Sempre sentia muito desejo sexual quando estava menstruada, mas o antigo namorado nunca a satisfizera nesses dias, pois sentia nojo de sangue.

Julia gozava sem controle, um orgasmo atrás do outro, enquanto Klaus a revirava do avesso.

Que criatura é essa? — pensou Julia.

Klaus ficou lá por uns longos minutos, chupando, sugando, jogando o clitóris daquela mulher para lá e cá, fazendo-a sentir muito prazer, enquanto ele bebia o líquido que garantia a sua vida.

Essa foi a prazerosa forma que o vampiro havia encontrado para burlar as leis vigentes.

De repente, escutaram um barulho, o apartamento estava sendo invadido.

Klaus imediatamente entra em estado de alerta, seus olhos ficaram vermelhos e seus dentes caninos protuberantes. Julia fica sem ação com medo do monstro que estava invadindo sua casa e ao notar que estava fazendo sexo com outro.

Se correr o bicho pega se ficar o bicho come. Literalmente.

Um ser, pálido, de olhos vermelhos e dentes enormes invade a sala entrando em luta corporal com Klaus, que apanha, mas logo consegue dar um soco no meio do peito dele arrancando seu coração.

— Está bem? — Klaus perguntou ofegante, com as roupas rasgadas, ensanguentado em sua forma vampiresca. Suas feridas já cicatrizavam.

— O que foi isso? — Júlia desnorreada, tentando se vestir.

Klaus observa o corpo do agressor, é não acredita no que vê, o sinal que indica que tipo de vampiro estava no chão.

— A Senhorita foi atacada por um *Dragulesco*, mas por quê?

— Eu sou Julia Vlad, sou a Vice-governadora.

— Por que não disse isso para mim?

— Você é um vampiro e não me disse nada, então estamos empatados!

Naquela noite, ataques foram relatados em várias partes do planeta. As vítimas eram líderes, políticos, econômicos, religiosos, militares etc. Era a primeira vez em quase 500 anos que se via um ataque tão bem — ordenado. A pior ameaça a vida e liberdade humana estava de volta com toda a força, todavia dessa vez a humanidade não teria a ajuda dos nossos antigos aliados tão facilmente.





APRESENTAMOS O CONTO
SONHO CARMESIM
POR CÉSAR ALLORI QUININO

Sinopse: O Doutor Nicolas Miranda é um dos biólogos mais aclamados da cidade de Belo Horizonte. Em uma noite qualquer, o doutor está prestes a saborear seu magnífico jantar de filé mignon quando percebe que almeja algo diferente. O trabalho precisa continuar, e Nicolas precisa satisfazer seus desejos mais básicos se quiser entender o que aconteceu com ele mesmo.

Sobre o autor: César Allori é um escritor e tradutor independente formado em LETRAS - Inglês pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) que está atualmente cursando seu mestrado em Literaturas de Língua Inglesa com foco em Poéticas da Modernidade. Seu projeto atual intitula-se Narrativa e Videogame: Dragon Age e As Crônicas de Gelo e Fogo. Além disso, César também têm um canal do youtube chamado Guardiã Cinzento, onde discute a série de jogos Dragon Age.

O Doutor Nicolas Miranda tinha acabado de se sentar à mesa de jantar. Era um móvel lindo, feito de Cedro e pintada na cor preta. E ela era longa. Tinha espaço para pelo menos dez pessoas confortavelmente, com quatro de cada lado e duas nas pontas. Nicolas sempre gostara da sensação de se sentar ali, na cabeceira, onde tinha uma maravilhosa visão da janela. Durante o dia, Nicolas preferia esconder o horizonte atrás de grossas cortinas de veludo, mas a noite ele podia desfrutar do céu estrelado, e da única companheira que já se sentara aquela mesa com ele, em todos estes anos.

A lua estava cheia naquela noite. A eterna companheira de Nicolas brilhava fortemente, sendo a única coisa que iluminava a sala de jantar. Nicolas não se importava. De fato, ele até preferia que assim fosse. A luz da lua banhara sua existência desde que podia se lembrar, e naquela noite não seria diferente. Ele sorriu, e voltou sua atenção ao prato a sua frente.

Seu jantar consistiria do melhor filé mignon, banhado em um molho de vinho tinto e sementes de pimenta preta ainda inteiros, acompanhado de cogumelos refogados na manteiga e uma taça de sua mistura favorita, a qual parecia brilhar na escuridão. Quando Nicolas fincou seu garfo de prata na carne para partir o primeiro pedaço, os sucos da carne, ainda extremamente mal passada, se misturaram ao molho. Nicolas regou sua primeira garfada antes de saboreá-la. Era magnífica. Era...

Nicolas podia sentir a suculência da carne; a ardência da pimenta; o sabor do vinho. Ele sabia que aquela era uma refeição que poucos no mundo sequer teriam a chance de apreciar. Ele sabia que qualquer um que estivesse disposto a experimentar daquele prato se maravilharia com ele. E ainda assim, Nicolas não sentia nada. Ele comeu uma garfada atrás da outra, cada qual regada de um novo gole de sua bebida.

Quase metade da comida continuava no prato quando Nicolas se levantou e andou até a grande porta de vidro que dava acesso a bancada. Antes de abri-la, ele observou o reflexo do doutor que o encarava. Observou sua pele escura similar a ônix; seus olhos completamente pretos e profundos; o rosto levemente triangular, marcado ainda mais pela barba rasa que contrastava com a careca em sua cabeça. Sua expressão era de tédio. Lá fora, a lua brilhava sobre Belo Horizonte, e Nicolas podia ver as luzes da cidade na distância contrastando com a solidão das grandes mansões que ficavam em volta da sua. Ele ficou ali por algum tempo, observando a noite.

Quando finalmente voltou a realidade, Nicolas jogou o restante de seu jantar no lixo e desceu para o porão, onde estava seu laboratório. Ele tinha prometido a si mesmo que descansaria esta noite. Até mesmo pensou em passear pela cidade, talvez encontrar-se com alguém novo, mas ele sabia que não conseguiria. Havia trabalho a se fazer. Seu sonho carmesim o aguardava, e Nicolas podia sentir o quão próximo ele estava.

O porão estava escuro e silencioso, cheirando fortemente de produtos de limpeza. Normalmente Nicolas não precisaria acender a luz, mas ali embaixo, ele necessitava da visibilidade. De um lado uma porta pesada de madeira levava ao seu escritório, onde o doutor passava a maior parte de seu tempo, analisando e reanalisando seus resultados; enquanto do outro estava seu laboratório. Boa parte de seus equipamentos vinham diretamente da universidade federal, e os poucos que não, eram de criação própria. Atrás deles, uma grossa e ameaçadora porta de metal limitava o acesso ao seu armário de amostras. Foi para lá que ele seguiu.

O Doutor Nicolas Miranda queria gritar. Queria destruir aqueles equipamentos, especialmente os que construía com suas próprias mãos. Ele queria voltar a sua bancada e esperar pelo nascer do sol. Queria vislumbrá-lo mais uma vez. Uma última vez.

E ainda assim, ele seguiu. Um passo após o outro ele continuou até a porta de metal. Nicolas não tinha mais o luxo de seguir seus instintos. Seus desejos. Eles não eram nada. Não frente ao que buscava conseguir. Ele precisava entender. Pesquisar. Testar. Classificar. Ele não ousaria sacrificar seu sonho carmesim por algo tão pequeno e insignificante quanto suas morais humanas. Não. Não de novo.

Nicolas abriu a porta, e logo pode ouvir os murmúrios desesperados de sua segunda amostra.

— Se vale alguma coisa. — Ele começou, sabendo muito bem que palavras não trariam nenhum conforto naquele momento. — Eu realmente sinto muito.

Ali dentro, ao lado de uma série de outras correntes e algemas, estava sua amostra. Um jovem adulto de pele clara e longos cabelos pretos, as pontas dos fios sujas de sangue. Quando ele começou a se debater, Nicolas tentou acalmá-lo.

— Eu sei... Eu já peguei hoje, mas por favor entenda. A bebida não está mais funcionando como antes, e a comida... Eu poderia muito bem estar mastigando isopor salgado, por tudo que ela me vale. Eu preciso me concentrar. Preciso de minha mente

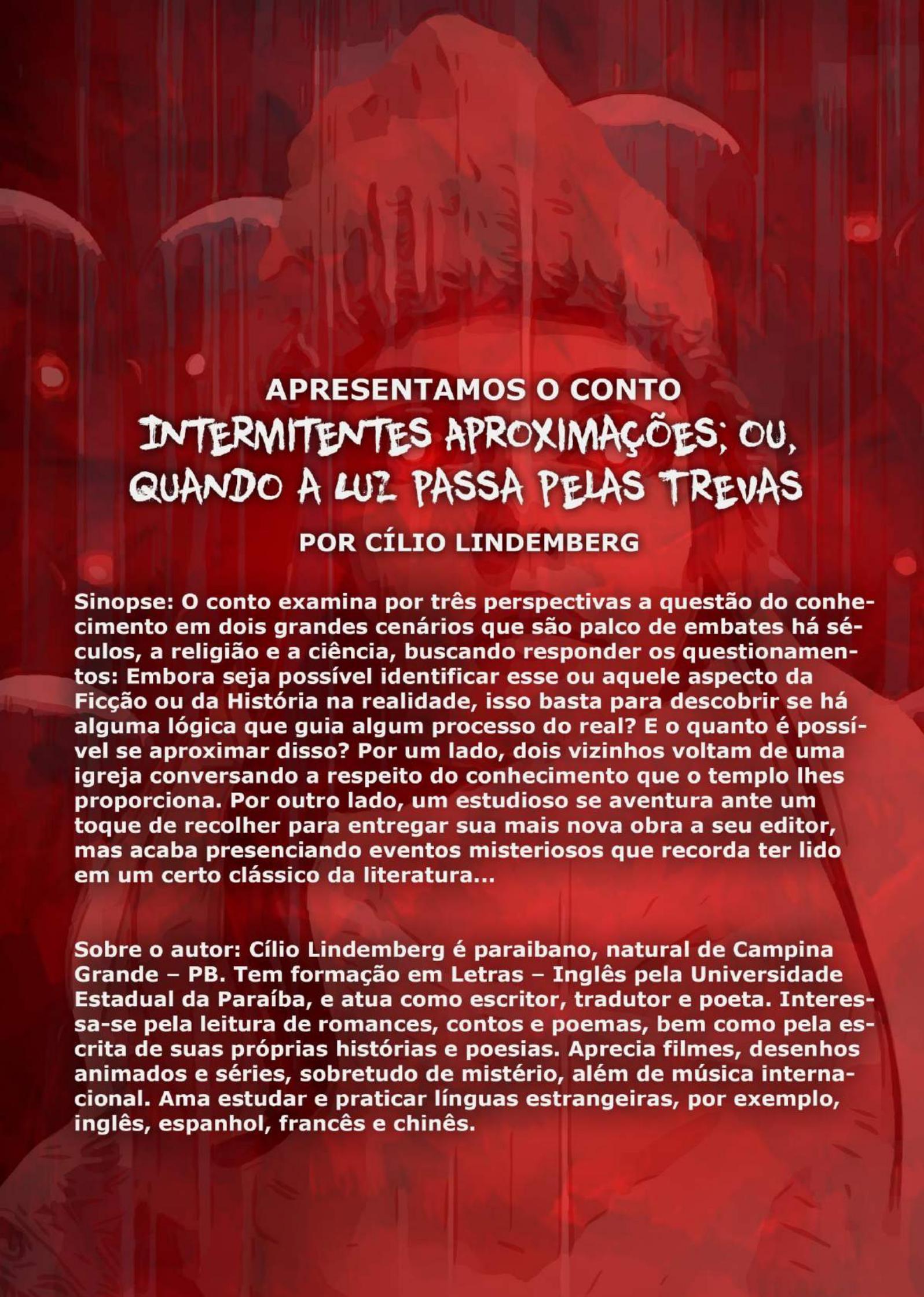
afiada, se desejo entender esta condição. — Nicolas se debruçou sobre o jovem, que já não tinha mais forças para lutar, e mordeu seu pescoço.

Não existem palavras para descrever a sensação. O que Nicolas desejava não era o sangue em si, mas a vida que existia dentro dele. A energia básica que apenas aqueles como ele podiam sentir, já que não mais a possuíam. Nicolas se levantou novamente, sua visão mais aguçada; sua audição mais afiada; sua mente limpa enfim. Quando ele escutou risos, Nicolas se virou para sua outra amostra.

Aquele homem era diferente. Sua pele era cinza e seus olhos brilhavam como luas sangrentas, tão selvagens quanto poderosas. Sua boca estava amordaçada, mas Nicolas ainda podia ver suas mandíbulas afiadas e sedentas.

Quando o doutor olhou fundo nos olhos daquela criatura, Nicolas pôde ver seu reflexo, e ele estava sorrindo.





**APRESENTAMOS O CONTO
INTERMITENTES APROXIMAÇÕES; OU,
QUANDO A LUZ PASSA PELAS TREVAS**

POR CÍLIO LINDEMBERG

Sinopse: O conto examina por três perspectivas a questão do conhecimento em dois grandes cenários que são palco de embates há séculos, a religião e a ciência, buscando responder os questionamentos: Embora seja possível identificar esse ou aquele aspecto da Ficção ou da História na realidade, isso basta para descobrir se há alguma lógica que guia algum processo do real? E o quanto é possível se aproximar disso? Por um lado, dois vizinhos voltam de uma igreja conversando a respeito do conhecimento que o templo lhes proporciona. Por outro lado, um estudioso se aventura ante um toque de recolher para entregar sua mais nova obra a seu editor, mas acaba presenciando eventos misteriosos que recorda ter lido em um certo clássico da literatura...

Sobre o autor: Cílio Lindemberg é paraibano, natural de Campina Grande – PB. Tem formação em Letras – Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba, e atua como escritor, tradutor e poeta. Interessa-se pela leitura de romances, contos e poemas, bem como pela escrita de suas próprias histórias e poesias. Aprecia filmes, desenhos animados e séries, sobretudo de mistério, além de música internacional. Ama estudar e praticar línguas estrangeiras, por exemplo, inglês, espanhol, francês e chinês.

“Lembre-se, meu amigo, que o conhecimento é mais forte do que a memória, e que nós não devemos confiar no que há de mais fraco.” – Van Helsing em *Dracula*, de Bram Stoker.

“Os piores impulsos da humanidade podem sobreviver a gerações, séculos e até mesmo milênios. E o melhor de nossos esforços individuais pode morrer conosco no final de uma única vida.” – Bartholomew Rossi em *The Historian*, de Elizabeth Kostova.

I

Dentre os campos do conhecimento à realidade relativos, encontram-se dois espécimes de representação do real. Primeiramente, a Ficção, tão antiga quanto a arte de imaginar, dependente da qual, mas desde o início desacreditada, presumida displicentemente como inverdade e, destarte, ostracizada. Segundamente, por sua vez, a História, também acondicionada à imaginação, todavia, cuja concentração factual suscita a autoridade de suster-se enquanto veracidade. Igualmente viável em ambas as áreas é a identificação desse fictício ou daquele histórico aspecto em comparação ao real. Logo, reconhecer padrões ou repetições é indispensável. No entanto, satisfaria confrontar tais domínios do conhecimento e a estrutura veraz que representam para a descoberta de sua coerência administrante? Outramente dito, suficientaria tal prática para a trouvaille de uma lógica que rege quaisquer processos da realidade? E o quanto é possível se aproximar de tal desvendamento, dadas as circunstâncias que governam as faculdades da mente?

II

No espaço sideral, a rainha da noite estrelava seus mais gloriosos raios lunares, fornecendo luminosidade aos caminhos solitários, onde não alcançavam as luminárias públicas, pobres tanto de luz quanto de distribuição. O planeta, entretanto, perdia o espetáculo: enormes nuvens obscuras obstruíam a passagem dos feixes selênicos, insistindo em bloquear o claro da lua e ambicionando a manutenção da escuridão promotora de um estado estável de cegueiras difusas. Ainda assim, em determinados pontos, o obscurantismo cedia e pequenas falhas luminosas permitia para esclarecer a rua tomada pelos seguintes personagens conversantes, recém-saídos de um templo:

— E desde qu'eu comecei a vim, minha vida mudou completamente. Comecei a me livrar de todo contato qu'eu tinha com o mundo, a começar pelos livros... — falou o primeiro homem.

— Ah, é? — indagou o segundo, tomando interesse pela mudança de vida do outro.

— É... Toquei fogo em tudin. Chega me senti mais leve quando joguei fora as cinzas. — explicou aquele dentro de quem uma densidão de fumaça havia sido projetada.

— Ainda não me livrei, mas não queria queimar não, sabe? Talvez, doar pr'alguma escola... — elucidou esse cuja mente não se deixava facilmente embaçar, apesar do estranhamento ao outro.

— Quanto mais você vier, mais você vai guardar na memória o que é preciso pra se libertar das coisas do mundo. — argumentava o conversor acerca das amarras da própria psiquê.

Um momento houve de silêncio entre as articulações dos dois homens, em meio às quais as pedrinhas dos calçamentos percorridos, quando não deles corriam, cantavam, conforme o ritmo de suas passadas. E, apesar de ainda estar considerando sua reunião ao rebanho, irresoluto quanto ao que pensar das mutações radicais de seu vizinho, foi o segundo homem quem irrompeu, embora hesitante, o silêncio:

— Cê... lembra quando foi que você começou a vir?

— Tá brincando? “Não vos lembreis das coisas passadas, nem considereis as antigas [...]”¹. Eu num lembro nem com que pé levantei hoje. — justificou assim todo esquecimento, o que fez com que o outro se questionasse se a pena mesmo valia ser mais um a cultivar tamanha desmemória.

— Mas... — tentou argumentar — como encarar as notícias falsas se de conhecimento não nos armarmos?

— Mas você não sabe? E não ouviu, ainda agorinha, durante a adoração? — indagou em resposta, referindo-se ao mais novo motivo de pânico social nacionalmente disseminado, e disse — Com o novo governo, não há temor que nos quebrante!

¹ Isaías, capítulo 43, versículo 18.

— Ah, é... — disse o outro, lembrando-se do exato momento em que ouvira tal delírio — Ah... inda bem que... — arriscou-se em jogar verde, querendo colher tudo menos estragado — é da vontade de Deus, né...

— Sem sombra de dúvidas! — afirmou fervorosamente sem perceber que se, por um lado, a ausência de dúvidas implicava a existência de certezas cristalinas, por outro lado, sombras plenas de dúvidas haviam imperceptivelmente cassado seu próprio mecanismo questionador.

De repente, por eles, apressado passou um concidadão que os cumprimentou, e em resposta pronta ao qual nosso segundo personagem se expressou em saudação. A luz que lhes permitiu esse entreolhar decorreu de mais uma falha entre nuvens, fato pelo qual se sentiu agradecido quem um cumprimento dedicou ao passante. O outro, porém, nada disse e, quando disso inquirido, replicou:

— Não vejo razão pra cultivar contato com gente do mundo. — o que, embora incondizente seja com a prática de amor ao próximo, acabou por solucionar as dúvidas que ainda restavam no outro homem quanto ao retrocesso escancarado de onde seus pés jamais novamente pisariam...

Entretanto, ambos cumpriram o que orientados foram a fazer no final do evento atendido: ir indeseiadamente para casa, pois um toque de recolher decretado havia nacionalmente sido pelo novo governo para, segundo o líder do ritual, “que as ruas amanheçam purificadas pelo poder de...”

III

Saí de casa à boquinha da noite. Àquela hora, o crepúsculo perdia força e cedia lugar para a escuridão, ressaltada por contornos nebulosos que se faziam notar no céu, impedindo a vista dos astros da noite. Porém, o destemido luar que se instaurado tinha me alcançava para meu caminho iluminar. Em seus raios, uma espécie de poeira elementar, quase cintilante, surgia, conquistando seu espaço na cena, doando um aspecto sombrio, sobretudo pela inusitada semelhança com o sinal de Batman em sentido inverso, como se da lua viesse em direção à Terra.

Deixando esse sombrio cenário para trás, havia eu de casa saído por razões acadêmicas, pretendendo a meu editor a entrega física de minha mais nova obra, uma distopia, provisoriamente intitulada ‘Desatando os Nós da Realidade’, trabalho de amplo esforço em reunião das concepções do que a ignorância não permite perceber nos dias de hoje em nosso país.

Em meu livro, como o próprio nome indica, desfaço os novelos de nossa realidade de modo a desnudar as maléficas intenções do novo governo que por todos os lados nos quer cercar e sufocar, e eu explico como, começando pelo que nomeio de efeito sanguessuga.

Por acaso não foi que elegi esse verme, profissional na arte de sugar sangue, rico elemento em vitalidade sem o qual sobreviver não iria. Além de sua principal característica, as sanguessugas conseguem desempenhar sua função sem serem percebidas, como se ocultas fossem, mas lá estão a chupar o sangue e a injetar uma substância anestésica, que impede a vítima de sentir dor e, logo, de reclamar da identificação de alguma conduta parasita. A vítima desse animal aproveitador pode rapidamente se enfraquecer à medida que o contato aumenta, seja de frequência, seja de bichos.

O efeito sanguessuga encontra materialização justamente no suga-suga de bens materiais dos quais somos privados do devido direito de possuir. Quando temos problemas com aparelhos domésticos, deixamos nas mãos de quem do assunto entende a tarefa do conserto, muitas das quais vezes o próximo conserto acaba sendo garantido e, assim, nasce um exemplo de parasitismo social no qual algo necessário para vivermos (o dinheiro, neste caso) nos é sugado pouco a pouco, sem que nem nos demos conta e até com prazo limitado de benefício do produto. [Isso quando o sangue importa ao sugador; e quando o derramam sem dele se aproveitar, só pelo prazer de fazê-lo? Assim sabemos ser o caso de mulheres, de negros e de todos aqueles que amam diferentemente, que são frequentemente alvejados por esse sistema... vampírico (!) seria o adjetivo adequado.]

Outros exemplos são as eternas contas de cada mês, a alta constante dos impostos dos itens de consumo, as taxas da indústria farmacêutica e de serviços, como passagens etc., todas operando através da sucção da vida do trabalhador frente a um sistema capitalista, cujo requisito capital é a existência de pobres para o sustento dos ricos. Há quem a vida toda trabalhe e até perca trabalhando sem jamais nem pousar os olhos em

uma tal informação, só passando pelas beiradas, sem acertar o alvo, que poderia até não ser a solução imediata, mas... Conhecimento não deixa de ser poder...

Parei de pensar na primeira parte de meu trabalho quando avistei um animal pouco comum nessa região, melhor dizendo, nesse país: ele possuía orelhas pontudas e uma pelugem acinzentada, como cachorro nenhum daqui o tem. Se eu morasse no estrangeiro, talvez eu dissesse que era uma criatura da noite, um lobo. E ele foi se aproximando lentamente, invocando um suspense, sem de mim tirar seus olhos, o que achei peculiarmente assustador. Não querendo ficar para conferir, tentei despistá-lo, olhando furtivamente para trás e pegando ruas diferentes, e penso tê-lo conseguido.

Voltando ao que pensando estava... Ah, o sangue! Esse material espesso de cor marcante que fascina e arranca suspiros (não só suspiros). Tentam a todo custo (e conseguem!) derramá-lo ao longo dos tempos, empregando diversos métodos. Já o jorraram com punições definitivas, como aquelas da Idade Média, com guilhotinas, defenestrações, chicotadas, bombas atômicas etc. Hoje em dia, a prática se perpetua, mas de outra forma: com notícias falsas. Inventam-se um boato acerca de algo ou alguém, atribuindo um crime ou um comportamento que desperta revolta e indignação na sociedade, a qual, por sua interventiva vez, fabrica justiça com as próprias mãos.

De linchamentos, como o caso nacional da mulher acusada de sequestro, até decapitação, como aconteceu com um professor acusado de intolerância religiosa na França; em ambos os casos era mentira, e só depois das tragédias consumadas que à tona veio a verdade. Na atualidade, ainda fazem uso de tal recurso sob o nome de *fake news*, útil até para derrubar democracias mundo afora. E nesse mar de informações que é o mundo contemporâneo e internetizado, inverdades são uma constante inevitável que se metamorfoseia inesperadamente a todo instante e onde menos se espera.

Tornei a interromper minhas ponderações por conta de um morcego que tirou um fino na minha orelha. O bater de asas é inconfundivelmente arrepiante. Ao menos, continuo acompanhado pelo luar, que parece atropelar as nuvens só para comigo estar. Que alento! Felizmente, estou perto.

Então, comecei a conjecturar essas aparições, uma poeira de movimentos próprios, um lobo e um morcego... Persuadido estive de já ter lido a sequência em alguma obra de ficção... Sim! De Bram Stoker! E o que mais apropriado seria para conduzir a consumação do efeito sanguessuga do que um... um... Antes que verbalizada fosse a ideia, mesclada

com a frieza da noite, fez tremular cada membro de meu corpo mal agasalhado. Apressei o passo, e ia me entregar a essas imaginações quando reconheci vir dois ex-colegas dos tempos de escola a quem boa noite desejei. Só um falou.

Pareciam deixar a igreja (não no sentido definitivo). Em trevas, o prédio fazia, só agora eu via, esquina com uma encruzilhada. Eu pegaria o norte das direções, mas, antes que assim atuasse, um denso nevoeiro vinha engolindo o lado sul da construção, alcançando-a e quase a mim. Achei simbólico, sobretudo por que se trata de um lugar onde se induz um modo único de pensar, o qual traga e normatiza o indivíduo, que esquecendo acaba o que constitui sua própria história. Mas será que sabem eles que a melhor estratégia para o mal combater é o conhecimento? Tamanho recurso multiuso até fake news aniquila! Esses e outros apontamentos compõem a segunda parte de minha distopia que o extremismo também explora, afinal, às vezes, as pessoas encarnam e defendem atos perversos e preconceituosos e ainda os chamam de ‘a vontade de Deus’...

Avancei, findando esses fios pensamentais, e a neblina atrás de mim. Duas ruas e eu chego. Ainda bem que as privações de nossas idas e vindas pelo governo não me impediram. Só mais um pouco. Já vejo a solitária casa de meu editor. A névoa não cessava de me perseguir. Atravessei o quintal e bati à porta. Ninguém responde. Tornei a bater com o nevoeiro ao meu lado. Mas ele não responde. Terá saído? O suspense aumentou e eu olhei para trás. Desfez-se a bruma. Virei-me para procurá-la, mas ela não foi encontrada. Então, a porta abriu de repente e para dentro eu fui puxado com uma força sobrenatural. E cá estou eu diante do corpo ensanguentado de meu editor e de um ensandecido bebedor de sangue, vestido com capa preta, idêntico a Drácula, que lê meu livro e diz — É espantoso que tenhas descoberto um nexo guiado por um traidor do movimento intelectual!





APRESENTAMOS O CONTO
VAMPIROS EXISTEM?

POR DAVID SACHES

Sinopse: Luca, uma criança de 7 anos, recusa-se a acreditar que vampiros existem. Ignora até a história que seu amigo conta da noite anterior, quando ficou cara a cara com um. Infelizmente, Luca precisará ver para crer.

Sobre o autor: David Saches, 23 anos, é estudante de Psicologia e adora livros. Principalmente escrevê-los. Até agora ele apenas publicou no Wattpad e mostrou para alguns amigos, todavia, pretende começar a mostrar ao mundo as inúmeras histórias que assombram sua cabeça.

— **V**ampiros existem? — Perguntou Luca, incrédulo, à avó de Renata.
— Claro que não, meu anjo — respondeu com uma voz fraca. Luca acreditava que a velha devia ter mais de cem anos, e por isso confiava nas palavras dela. — Quem te contou isso?

— A Renata e o Pedro. Eles disseram que vampiros existem e que o Ronaldo, que mora na esquina da rua, vai contar uma história de terror bem assustadora. Mas eu não acredito em vampiros.

A avó de Renata resmungou uma coisa que Luca não entendeu. Logo depois sua amiga aparece.

— O Ronaldo está chamando a gente, Luca, você vai? — perguntou sua amiga.

— Eu não vou — anunciou Luca, cruzando os braços. — Vampiros não existem.

— Existem sim! — Exclamou Renata, sentindo-se ultrajada. — Ronaldo disse que viu um ontem.

— Duvido — retrucou o menino.

Renata virou-se e caminhou até a porta da casa, na qual planejou sair sem olhar para trás, porém, antes de fechar o portão, blefou:

— Quando chegar lá e os meninos perguntarem por você, direi que estás com medo, Luca! — Mostrou a língua e correu.

Luca, temendo ter sua honra abalada, correu atrás.

O céu estava um azul escuro profundo e sem nuvens. Era uma noite sem nuvens, porém fria. A casa de Ronaldo não era muito longe, e como os dois apostaram corrida para ver quem chegava primeiro, rapidamente encontraram Pedro e Ronaldo brincando na calçada.

— O Luca estava com medo, mas consegui convencer ele — brincou Renata.

— Ei! Não estava, não! — defendeu-se Luca. — Mas até a senhora Cila disse que vampiros não existem.

— Pois eu tenho uma história de vampiro que eu mesmo vivenciei — disse Ronaldo. Ele é o mais velho da turma, já era adolescente, tinha 15 anos, quase 16, enquanto todas as três crianças tinham 7 anos. — E foi ontem mesmo, quando estava voltando do curso de informática à noite.

— Não acredito — resmungou Luca.

— Primeiro escute, depois você me diz se é verdadeira ou falsa.

Luca concordou.

— Ontem à noite, quando eu estava subindo a ladeira de casa, vi um homem atrás de mim. De primeira, não suspeitei de nada e continuei caminhando tranquilamente. Quando fui trocar de música lembro de ter visto a hora: vinte e duas horas e vinte e dois minutos! E todo mundo fala que quando se olha as horas iguais, algo pode acontecer com você. Só podia ser coincidência aquilo. Enfim, continuei a andar. Virei na esquina do mercadinho para comprar chocolate, e retornei. Porém aquele homem continuou a me seguir. — Ronaldo utilizava caras e bocas enquanto contava, além de baixar o tom de voz quando necessário para cada momento de tensão.

Os três meninos estavam parados, ouvindo o que ele tinha para contar. Cada olho mais arregalado que o outro. Até o Luca, que antes estava cético, agora emergia na história.

— Nessa hora eu tirei meus fones e coloquei dentro da bolsa. Vocês sabem que está havendo uma onda de assaltos durante esse horário, né? — Perguntou. Os meninos fizeram sim com a cabeça. — Eu fui alertado pelo dono do mercadinho. Voltei para a ladeira e vi que estava perto de casa. Virei o rosto pela primeira vez e o homem de capuz estava mais perto. Bem mais do que antes. Então eu comecei a correr.

Ele se aproximou dos meninos.

— Quando estava na casa da dona Marisa — que era três casas antes da sua —, resolvo olhar para trás de novo e... cadê o homem de capuz? — Perguntou deixando os meninos pensarem um pouco na resposta. — Estava bem na minha frente!

Luca soltou um suspiro. — Ai, meu deus!

Renata olha para ele, mas também estava bastante aterrorizada para rir do garoto agora. Olhou ao redor da rua e a presença do vampiro era palpável, como se ele estivesse espreitando pela sombra, observando as suas próximas quatro vítimas. Renata concluiu que irá passar mais tempo brincando com suas bonecas a partir de agora.

— O vampiro era branco feito uma folha de papel. Parecia um fantasma! Seus dentes saltaram pela boca, brilhando em tons vermelho-sangue. O olhar dele era o pior. Parecia um leão querendo me devorar. Ele ia morder meu pescoço naquele momento, porém a medalha que minha avó me deu me salvou. Vampiros temem a cruz.

As três crianças quase não respiravam de tão tensas. Até Pedro, que era o mais medroso de todos, estava tremendo um pouco. Nunca havia escutado nada assim, principalmente do bairro onde morava, ou pior: da rua em que ele mora.

— E agora, Luca, acredita ou não? — Perguntou Ronaldo.

Luca muda de postura rapidamente, senta-se ereto no chão e bufa.

— Continuo sem acreditar — resmunga.

— Tudo bem, fica por sua conta acreditar ou não, mas tenha cuidado na volta para casa. — Alertou Ronaldo. — Falando nisso, está na hora de todo mundo dormir, não acham?

As crianças se levantam, limpam a areia dos shorts e lentamente voltam para suas casas. Pedro mora no mesmo condomínio de Ronaldo, os dois entram. Luca e Renata andam em direção às suas respectivas casas.

— Como você pode não acreditar no Ronaldo? Ele é quase adulto.

— Ele pode ter inventado para assustar a gente, só isso.

— Sei não, Luca. Eu acredito. — Diz Renata espiando pelas costas para certificar que não tem ninguém atrás dela. — Bom, cuidado até chegar em casa. Qualquer coisa você grita.

Luca acena para a amiga e vai em direção à sua residência. Mora perto, precisava seguir até o final da rua e virar à direita. Mas o caminho ficou mais longo ao notar o ar da noite mais gelado. Arrepiado, Luca entrelaça seus braços ao redor do corpo. Olhou ao redor e escutou alguns grilos cantarem no meio da noite.

A imagem grotesca do vampiro explode em sua mente. Está cara a cara com ele. Consegue ver seus olhos vermelho-sangue, seu rosto triangular, sua pele branca feito papel, e a boca aberta mostrando os caninos pontudos.

Luca se arrepia com o pensamento. Diz a si mesmo que aquilo não existia. Se a avó de Renata, que era adulta mais adulta que o Ronaldo, disse que tal criatura maléfica não existia é porque não existia e ponto.

De repente, escuta um pigarro.

Olha para trás. Um homem de capuz estava andando do lado esquerdo da rua, com a cabeça curvada e com as mãos dentro do casaco. Nesse momento, seu coração explodiu no peito: a história que Ronaldo havia contado era verdade!

O pânico tomou conta de Luca.

Como seu sangue fugiu das faces, ele parecia pálido como uma fotografia antiga, principalmente sob aquela luz amarelada do poste de energia. Luca, sem pensar duas vezes, começou a correr. Não queria olhar para trás para que o vampiro não aparecesse de surpresa. Queria ver o caminho o tempo todo. Para completar seu desespero, começou a gritar.

Enquanto corria, Luca sentiu o vento gelado percorrer suas faces. Os olhos ficam ressecados. Mas tudo que ele queria era correr de olhos bem abertos. Por estar correndo e gritando ao mesmo tempo, uma dor invadiu o lado esquerdo do seu corpo, como um caroço que quer sair. “Essa dor acontece quando você ‘engole’ muito ar”, disse Renata uma vez.

Começou a mancar por conta da dor.

— Socorro! — Gritou lembrando do que a amiga havia dito anteriormente.

Por sorte, escuta uma voz infantil e bastante conhecida.

— Luca? — Era Renata. Estava na varanda de sua casa ainda.

Mas de nada adiantou. Quando piscou para limpar o grão de areia que havia pousado em seu olho, o vampiro apareceu na sua frente.

— Soco... — Tentou falar, mas uma mão gelada o silenciou.

O demônio lhe olha nos olhos e coloca o dedo esquelético na boca pedindo silêncio. Luca viu os dentes que mais tarde o devoraria por inteiro. Engoliu em seco. Escuta o portão da casa de Renata abrir e ela grita novamente por ele. Seu coração enche de alegria ao saber que sua amiga está vindo ao seu encontro.

— Não faça nenhuma gracinha, ouviu? — Pediu a menina, sem conseguir enxergar o amigo. — Você sabe que eu não gosto de levar susto.

Os olhos do vampiro fecharam-se com raiva por seu plano não estar seguindo o que planejara. Virou-se para a rua e teve que agir rápido. Segurou o garoto com os dois braços e correu de volta para sua casa.

Luca, sem enxergar nada, mas escutando tudo, principalmente sua respiração que estava extremamente ofegante, diz:

— Por favor, não me mate — suplicou.

O vampiro não lhe dá ouvidos. Avança em cima do garoto. Morde sua garganta com força para sugar seu sangue. Com voracidade, o demônio devora, em questão de segundos, o corpo daquela pobre criança, que há poucos minutos atrás nem sabia que ele existia. Satisfeito, o vampiro joga o corpo oco na pila de corpos da sua casa e sai em busca do seu novo ataque.

Do outro lado, Renata vira a rua e não encontra ninguém.

— Luca? — Pergunta novamente, mas não escuta nada, não há nem sinal do amigo. — Acho que ouvi coisas — pensa em voz alta.

Mas ao se virar, dá de cara com um fantasma ensanguentado bem à sua frente sorrindo com os dentes manchados de vermelho. Ela grita, mas não adianta, pois os dentes do vampiro lhe perfuram a garganta, sugando seu sangue e sua vida.



APRESENTAMOS O CONTO

O NOVO VAMPIRO DE CURITIBA

POR FERNANDO ANTONIO PRADO GIMENEZ

Sinopse: Juvenal não se conforma com a falta de cuidado das pessoas durante a pandemia de COVID 19. Após a reabertura dos parques públicos, ele decide que deve agir. Seu alvo são os clientes de prostitutas da área central da cidade. Leitor de livros de detetive, cria uma assinatura para seus crimes. Mas o destino lhe reservou uma peça. Sua morte foi surpreendente e extremamente inglória.

Sobre o autor: Fernando Antonio Prado Gimenez é londrinense e professor universitário há 39 anos. Iniciou sua carreira em Londrina na década de 80. Depois de uma breve passagem por Maringá, entre 1998 e 2002, desde 2003 reside em Curitiba. Em 2012, se tornou blogueiro em busca de um canal de expressão em que pudesse fugir do formalismo da escrita acadêmica. O prazer da escrita levou à publicação de livros de forma autônoma. Seus livros são de acesso público e gratuito em issuu.com/fgimenez.

www.issuu.com/fgimenez (livros e outras publicações)

www.3es2ps.blogspot.com (empreendedorismo e pequenas empresas)

www.relise.eco.br (Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo)

www.leiturasemcinema.blogspot.com (cinema)

www.relici.org.br (Revista Livre de Cinema)

www.umhaikaiaodia.blogspot.com (poesia)

www.brevetextos.blogspot.com (contos e crônicas)

Durante o período mais crítico da pandemia, o Passeio Público se tornara um dos poucos lugares que ele frequentava. Estranhamente, o prefeito havia relaxado as restrições um mês antes. Uma falsa esperança de que tudo já estava sob controle. Mas, os índices de contaminação voltaram a crescer. A única restrição imposta foi o fechamento dos parques aos domingos. Isso lhe deixava cinco dias por semana para agir. O Passeio Público também ficava fechado às segundas.

Com entrada controlada por guardas municipais, embora com pouco rigor, entre as três e seis horas da tarde, não havia muitos frequentadores. Aos sábados, porém, o Passeio ficava cheio de famílias, como se não houvesse uma pandemia no mundo! Pouco antes das seis, a maioria dos frequentadores saía. Voluntariamente, ou estimulados pelos guardas. Nessa hora, também, os funcionários da prefeitura que trabalham no Passeio já tinham ido embora.

Aos poucos, depois dos seis meses de fechamento do parque durante a pandemia, elas começaram a voltar às atividades. Antes, tinham praticamente sumido dos arredores. A clientela também tinha escasseado. Medo do contágio. Mas, com a reabertura, parecia que este tipo de medo estava diminuindo.

Ele ficava observando o movimento. Delas e dos clientes. Algumas vezes, achava graça da negociação. Fechado o negócio, acompanhava com o olhar a mulher e o cliente se encaminharem em direção ao local delas. Em algum muquifo nas ruas laterais do Passeio. Outras vezes, iam em direção a algum canto do Passeio mesmo. Perto da torre. Arriscado. Mas, o serviço era rápido. Um boquete. Funcionários e guardas fingiam não ver. Era o que Juvenal imaginava. Impossível não ver. Será que só ele se incomodava com aquilo? Se perguntava.

Vezenquando, notava a presença de um cafetão. Discretamente, notava o passar de dinheiro de uma mão para outra. Ficava furioso. Com quem? Era o que se perguntava também. Até o dia que decidiu agir. Não podia mais aguentar aquilo.

O primeiro foi um jovem. Por coincidência, ele negociou o programa com a mulher um pouco antes do fechamento. Juvenal estava se preparando para ir embora, quando o notou se aproximando da Ludmila. Ela atuava nas imediações do Passeio desde que se mudara para Curitiba. Cinco anos atrás. O jovem parecia um pouco bêbado. A negociação foi rápida. À distância, Juvenal seguiu o casal. Ludmila fazia atendimento em um sobrado na Presidente Carlos Cavalcante, um pouco depois da Mateus Leme. Não muito longe do Passeio. Juvenal esperou do outro lado da rua. Era um homem forte, nos seus quase 65

anos, trabalhou a vida toda de pedreiro. Se orgulhava de carregar dois sacos de cimento às costas.

Depois de vinte minutos o jovem saiu pela porta do sobrado. Foi em direção ao Passeio Público. Cambaleava um pouco. Juvenal foi atrás. Esperava a oportunidade. De repente, o jovem se apoiou em um muro. Bem em frente às ruínas de uma casa abandonada. Lugar pouco iluminado. As árvores impediam que as luzes dos postes clareassem aquele trecho na penumbra do começo da noite. Juvenal se aproximou. Puxou assunto com o jovem. Perguntou se tinha fogo. Esperou uma mulher passar por eles. Enquanto isso, o jovem mexia nos bolsos. Juvenal tinha visto ele fumando enquanto falava com Ludmila. Olhou para os lados e para trás. Não vinha ninguém. Empurrou o jovem para dentro do muro. Assustado, ele tentou reagir. Caiu deitado com o murro que lhe deu Juvenal. Depois de arrastá-lo para trás de uma parede em ruínas, Juvenal esganou o jovem. As mãos eram como garras presas à garganta da vítima.

Depois que o jovem faleceu, Juvenal pegou o chaveiro que carregava no bolso esquerdo da calça. Além da chave da casa, no chaveiro havia uma miniatura de um sacho duas pontas. Uma imitação em aço da tradicional ferramenta de agricultura e muito usada por jardineiros. Presente que Juvenal ganhara de uma namorada que trabalhava no ramo de jardinagem no Capão da Imbuia. Era material de propaganda de uma marca famosa. Juvenal pressionou a miniatura de sacho até que fizesse dois furos na garganta do jovem. Esguichou sangue. Leitor de histórias de detetive, Juvenal queria deixar uma assinatura. Era um pouco vaidoso.

Feito o serviço, Juvenal colocou uma máscara sobre a boca e nariz do jovem. Outra assinatura. Como se fosse nome e sobrenome. Este não contaminaria mais ninguém. Assim, se justificou Juvenal. Para si mesmo. Não poderia contar para ninguém. Óbvio. Voltou à rua. Excitado, decidiu ir para casa. Antes, tomou uma cerveja no Bar das Primas. Era um sábado. Teve que esperar até terça-feira para voltar ao Passeio. Encontrara uma missão em sua vida monótona de viúvo aposentado: impedir que a maldita doença se espalhasse ainda mais. As moças precisavam trabalhar. Para ele, eram vítimas. Os clientes eram os vilões que tinham que ser exterminados. Os cafetões também. Mas, era um alvo mais difícil. Os clientes, bastava segui-los. Esperou ansioso pela terça-feira. Mas, não imaginava ele que as coisas não seriam tão simples.

Naquela terça-feira, ficou o dia todo pelas imediações do Passeio Público. Por volta das cinco horas, sentou-se próximo à grande fonte. Não viu Ludmila. Mas, pouco depois notou

a presença de duas mulheres que não conhecia. Pela roupa que usavam, eram do ramo. Em seguida, dois caras se aproximaram delas. Conversaram um pouco. Juvenal não conseguiu ouvir. Assim mesmo foi atrás deles quando caminharam em direção à saída. Do outro lado da rua, em frente ao colégio, os dois casais entraram em um carro. E partiram. Juvenal não pode agir naquela terça-feira. Aborrecido, foi para casa. Apertou o chaveiro no bolso esquerdo da calça. O mini sacho furou o polegar que Juvenal levou à boca. Sentiu o gosto amargo e quente do próprio sangue.

Na quarta-feira à tarde, a sorte lhe sorriu. Sorte de um, azar de outro. Conteve a ansiedade e foi para seu ponto só no final do dia. Lá estava Ludmila. Negociando com um cliente. Um branquelo obeso. Devia pesar uns 120 quilos. Ficou imaginando como Ludmila podia tolerar um cara como aquele. Além de gordo, tinha a cara vermelha como pimentão. Seguiu os dois. Mesmo caminho do sábado. Juvenal teve que esperar muito. O programa foi longo. Depois de duas horas, o gordo branquelo saiu. Anoitecera completamente. O cliente foi na direção do shopping e continuou pela avenida até a passagem sobre o rio Belém. Pegou o caminho que continuava pelas margens do Belém. Pouco iluminado também. Mas, com muitos pedestres. É um local de caminhadas compartilhadas com uma ciclovia. Juvenal continuou seguindo o gordo branquelo. Passaram pelo Palácio das Araucárias. O gordo continuou em direção ao Bosque do Papa. Os atletas de fim de tarde e começo de noite foram rareando. Era a oportunidade para Juvenal.

Apressou o passo e chamou a atenção do gordo que olhou para trás. O soco potente de Juvenal o derrubou. Morreu esganado também. Usou de novo o mini sacho de aço. Atingiu uma das carótidas e o sangue jorrou mais uma vez. Uma cor escura. Juvenal colocou a máscara no gordo e fugiu correndo enquanto ouvia os latidos de um pastor alemão em uma casa próxima. Mais uma obra assinada!

O corpo ficou onde caiu. Uma hora depois o corpo fora levado ao IML. Uma mulher vira tudo e chamou a polícia. Juvenal, ainda desconhecido, virou notícia. A mulher contou que ele colocara a máscara na vítima depois de esganá-lo. Por que? Esta era a pergunta que se faziam policiais e repórteres. Um dos repórteres notou as duas perfurações no pescoço da vítima, antes do pessoal do IML chegar. No dia seguinte, no programa sensacionalista da televisão, surgiu a manchete: “Novo vampiro em Curitiba?”

Assustado, Juvenal ficou dois dias sem sair de casa. Sábado amanheceu ensolarado. Juvenal sentia uma urgência em agir novamente. Foi para o Passeio Público ao final do dia. Desta vez, viu Sheila negociando com um velho franzino. Quase seis horas. Um

guarda municipal se aproximou e disse que o Passeio ia fechar. Mandou que saíssem. Juvenal foi atrás deles. Terminaram a negociação no portal do Passeio. Sheila tinha um quitinete do outro lado da rua. Subiram. Juvenal ficou esperando no Portal. Dali tinha uma boa visão da entrada do prédio de Sheila. O velho saiu em meia hora. Foi na direção da rua São Francisco. Entre a Riachuelo e a rua Presidente Faria, Juvenal agiu novamente. A região que fora renovada tempos atrás, voltara a ser deserta à noite. Os inúmeros negócios que abriram nesse trecho tinham fracassado. À noite, era uma região perigosa. Tranquilo, depois do serviço feito, Juvenal deixou o velho encostado em uma das lojas fechadas, sentado e com a máscara no rosto. Antes de partir do local, fez a sua assinatura. Domingo de manhã, era notícia: “Mais uma vítima do novo vampiro de Curitiba!”

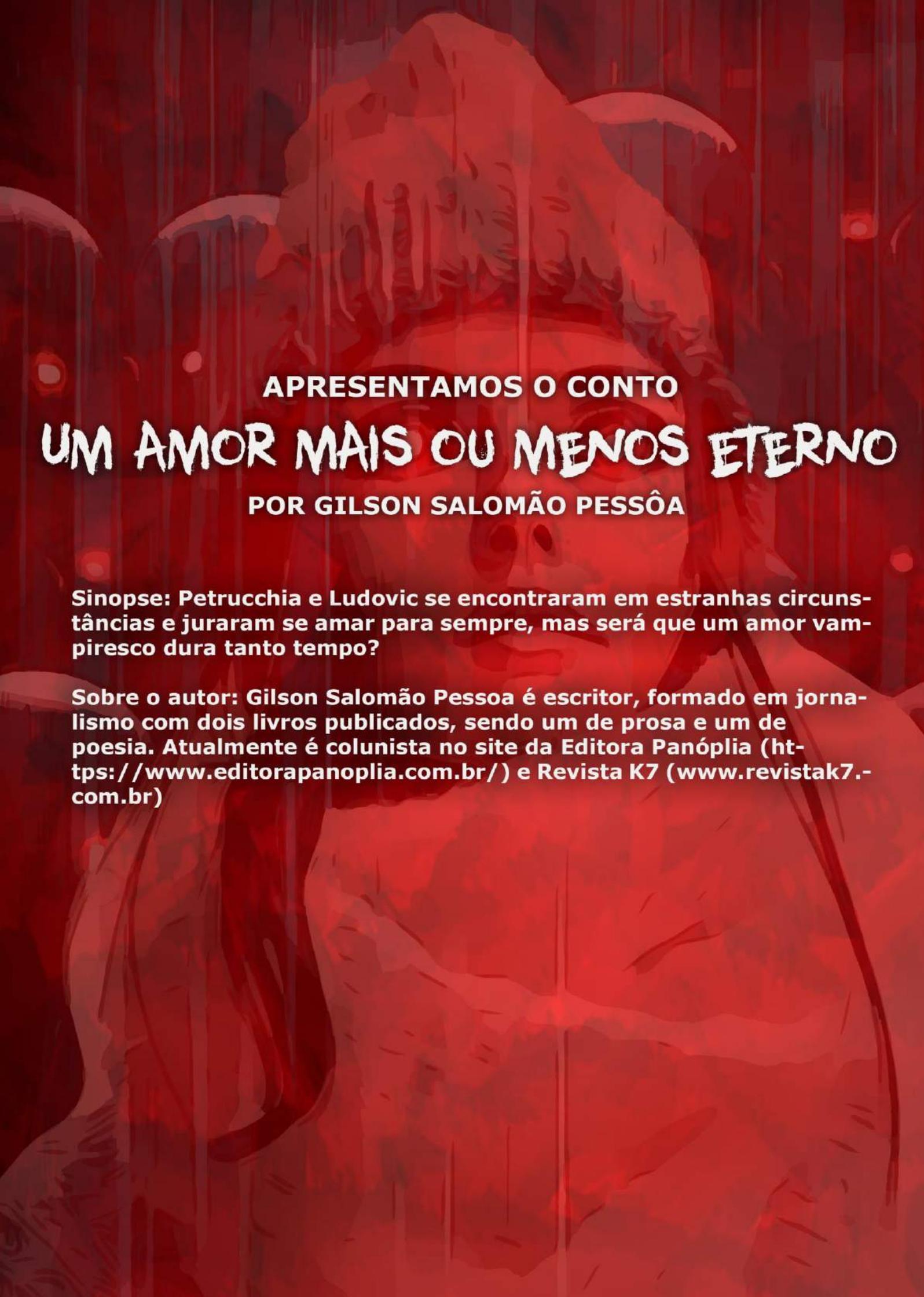
No mesmo sábado, um policial aposentado passando em frente à casa em ruínas próxima ao Passeio, sentiu um cheiro estranho. Era quase meio-dia. Seu faro de policial treinado, fez com que fosse investigar. Encontrou o corpo do jovem já em putrefação. Uma cena macabra com aquela máscara. Um jornalista, que fazia uma matéria sobre a aglomeração de pessoas no Passeio Público, notou a movimentação em torno da casa abandonada. Ouviu o policial comentando com a equipe do IML sobre os dois furos no pescoço do falecido. Outra manchete: “Novo vampiro de Curitiba já tinha atacado antes!”

Juvenal continuou agindo. Em duas semanas foram mais cinco assassinatos. A cada corpo encontrado, surgia a manchete: “Novo vampiro de Curitiba ataca mais uma vez!”. Algumas vezes, seguiu os vilões por trechos muito longos. Cuidadoso, esperava o momento certo para agir. Alguns se salvaram, sem saber que poderiam morrer. Chegavam ao seu destino antes de Juvenal conseguir cumprir com sua missão. Ninguém conseguia conectar os crimes. Exceto pelo esganamento e os furos do pescoço não havia o que mais os unisse. As máscaras eram de uso obrigatório. Quem imaginaria que os mortos faziam parte do grupo de clientes da prostituição que saiam sem máscaras após um programa que se iniciava com uma conversa no Passeio Público. Juvenal continuava sua missão saneadora. Ajudava as autoridades na prevenção à Covid 19.

Mas, teve um fim inglório. Ou, pelo menos, irônico. A namorada da jardinagem reapareceu um dia em sua casa. Era domingo à tarde. Tinha conseguido um serviço grande em uma mansão lá pelos lados do Capão Raso. No Capão da Imbuia a clientela andava escassa. Precisava de ajuda. Para começar na segunda-feira. Juvenal topou. A namorada passou a noite na casa dele. De manhã foram para o Capão Raso fazer o serviço. No meio da tarde, Juvenal escorregou em uma manga apodrecida que estava no gramado. Se desequilibrou

e caiu de frente. O pescoço em cima do sacho que estava com as duas pontas para cima. Foi aquela sangueira! Depois de alguns meses, o novo vampiro de Curitiba desapareceu das manchetes. Os crimes nunca foram resolvidos pela polícia.





APRESENTAMOS O CONTO
UM AMOR MAIS OU MENOS ETERNO

POR GILSON SALOMÃO PESSÔA

Sinopse: Petrucchia e Ludovic se encontraram em estranhas circunstâncias e juraram se amar para sempre, mas será que um amor vampiresco dura tanto tempo?

Sobre o autor: Gilson Salomão Pessoa é escritor, formado em jornalismo com dois livros publicados, sendo um de prosa e um de poesia. Atualmente é colunista no site da Editora Panóplia (<https://www.editorapanoplia.com.br/>) e Revista K7 (www.revistak7.com.br)

Acuriosa história de Ludovic e Petrucchia tem início no século XIX, quando o jovem russo caçador de vampiros partiu em busca de seu mestre Nicanor Afanasyev que tinha desaparecido misteriosamente em uma floresta na Romênia. Ele foi investigar estranhas mortes envolvendo cadáveres com dois buracos no pescoço. Seu aprendiz se prontificou a ir, mas ele preferiu deixá-lo estudando e só chamá-lo se houvesse uma confirmação, tendo em vista a enorme quantidade de pistas falsas que tinham recebido ao longo dos anos. O jovem esperou pacientemente e depois de um mês sem notícias ele resolveu ir atrás do mesmo, preocupado com o que poderia ter acontecido. Foram dias a cavalo debaixo de um frio intenso, chegando finalmente em Moldova, que faz fronteira com a Ucrânia.

Chegando em uma estalagem nessas redondezas foi que ele conheceu essa misteriosa linda jovem de pele branca como a neve e cabelos negros, que sorria muito pouco e desaparecia junto com o sol todos os dias. Ela vendia lenha, sem possuir braços de lenhadora. O jovem ficou cada vez mais intrigado e não percebeu que estava se apaixonando por aquela que provavelmente matou o seu mestre. Um dia resolveu seguir a moça e teve a sua confirmação: ela era a vampira que ele estava procurando. Teria ele a coragem de matá-la?

Enquanto retornava para a estalagem pensando no seu próximo passo foi surpreendido pela mesma, que nem se preocupou em limpar a boca suja de sangue. Ela o segurou contra a parede do celeiro e disse:

— Eu sei quem você é e o que veio fazer aqui. O que vai fazer a respeito?

Ele não conseguiu esboçar uma palavra, pois estava ao mesmo tempo amedrontado e atraído por aquela misteriosa mulher com a boca vermelha, seios fartos e caninos salientes. Antes que ele pudesse dizer alguma coisa ela o beijou nos lábios. Na verdade, a sua estratégia sempre foi seduzi-lo para disfarçar a sua identidade e atacar quando o mesmo estivesse vulnerável. Já tinha percebido que ele era um caçador, tendo em vista que o mesmo não se esforçou em ser discreto a respeito disso. O que a predadora não esperava é que fosse estranhamente cativada pela timidez e sensibilidade de sua presa. A partir daquele momento tornaram-se amantes por muitos anos, sendo ele eventualmente transformado em vampiro para acompanhá-la por toda a eternidade. Bom, pelo menos essa era a ideia inicial. Depois de um século de união ela se cansou e o abandonou, desaparecendo da noite para o dia.

A partir desse momento Ludovic, que nunca a deixou de amar, se sentiu perdido, desamparado. Era dono de um prestigiado antiquário na Ucrânia e não tinha dificuldades econômicas. Se alimentava do sangue de animais em sua fazenda, não por uma questão ética, mas por discrição mesmo. Se embriagava quase todas as noites com vinho em sua refinada adega, onde bebia deitado no chão até apagar e esquecer temporariamente o seu vazio interior. Se sentia uma carcaça ambulante, um barco à deriva, um espectro preso entre o céu e a Terra. Dias viraram semanas, que viraram meses, que viraram anos, que viraram décadas. Até que ela subitamente retornou, mas não pelo motivo que ele esperava.

Era o fim de mais um dia e ele estava indo para a adega afogar as suas mágoas quando ela reapareceu em sua frente, sem dar explicações. Simplesmente disse:

— Preciso muito da sua ajuda.

— Tinha me esquecido de o quanto a sua frieza me incomoda.

— Como assim?

— Você reaparece depois de anos sem dar ao menos um abraço? Você certamente está morta há mais tempo que eu, mas ainda valorizo essas pequenas demonstrações de carinho.

— Não é isso, claro que sinto falta da sua companhia.

— Não acredito. Você não deu nem sinal de vida por todos esses anos. Fiquei sofrendo sozinho igual um trouxa, esperando você voltar.

— Desculpe, mas achei que você estivesse cansado de mim. Eu estava me sentindo um fardo em sua vida. Pensei que você precisasse de outras experiências, outras mulheres, sei lá, um pouco de variação. Eu sinceramente estava me sentindo um pouco entediada e achei que precisava de mais. Me senti uma âncora te arrastando para o fundo, mas nunca deixei de te amar.

— Você sumiu sem deixar nem um bilhete, uma carta, nada. Agora me diz que estava entediada. Perfeito. Um século de convivência e até o diálogo foi embora...acho que não temos mais nada para discutir. Não acredito em você e vou encher a cara para tornar essa minha rotina suportável.

— Espera, eu não terminei. — Ela pegou o braço dele e puxou, abraçando Ludovic bem forte. Começou a chorar lágrimas de sangue — você sabe que eu nunca quis esse destino para a gente.

— Mas foi assim que acabamos, seja por bem ou por mal. — disse ele com o coração apertado e os olhos fechados, enquanto aproveitava aquele abraço do qual sentia tanta falta. — eu sei que vou me arrepender, mas preciso perguntar: o que te trouxe de volta para mim? Não acredito que seja só saudade, senão você tinha retornado antes.

Ela fez uma pausa e o soltou, respirando fundo. Realmente havia uma segunda intenção naquela visita.

— Preciso da sua ajuda para rastrear um vampiro muito perigoso, que está fazendo coisas horríveis e não pode continuar vivo. Você era um caçador antes de me conhecer e acredito nas suas habilidades.

— Tendo em vista como a minha carreira nesse ramo acabou, não acho que eu seja a pessoa mais indicada.

— Você foi melhor que o seu antecessor, disso tenho certeza. — disse ela com um leve sorriso nos lábios.

— O que aconteceu com ele, a propósito? Estranho como nunca conversamos sobre isso...

— Eu joguei o meu charminho, mas ele não queria o que eu estava oferecendo. Então deixei ele nas mãos do meu primo Aelfric. Nunca mais ouvi falar dos dois. Acho que essa história terminou bem.

Ludovic levou um tempo processando até entender o que tinha realmente acontecido. Depois disso finalmente disse:

— Bom, se levarmos por esse aspecto eu nunca tive a menor chance contra você. Estava condenado desde o princípio.

— Estava mesmo. — disse ela beijando sua bochecha.

— Não sei se sou o mais indicado, mas faço qualquer coisa para ficar perto de você, então quem vamos caçar?

— O nome dele é Sandor e ele adquiriu o hábito grotesco de se alimentar exclusivamente de bebês recém-nascidos.

Ludovic ficou perplexo por alguns instantes, afinal sabia que os vampiros não eram santos, mas todos aqueles que tinha conhecido até então obedeciam a limites. Isso era bem grotesco, até para um vampiro. Entendeu também porque aquilo mexia pessoalmente com Petrucchia, que sempre quis ser mãe, mas foi transformada antes que isso acontecesse. Voltou para a sala da sua casa, sentou-se no sofá e calculou a sua estratégia com cuidado.

— Você tem alguma ideia do paradeiro dele? — Perguntou o vampiro depois de respirar fundo e pensar a respeito.

— Ele virou notícia em uma cidadezinha na Alemanha. Felizmente discrição não é o seu forte. Eu não posso com ele sozinha. E não consigo mais suportar que isso prossiga.

— Eu vou contigo. Mas antes preciso saber: agora há pouco você estava falando sério ou jogando charme para que eu fosse com você?

— O que você acha?

— Prefiro não saber. Eu iria de qualquer jeito. Você sabe que eu não te nego nada.

— Eu te amo, seu bobo. — disse ela dando um leve beijo nos seus lábios. — Agora vamos embora que temos um longo voo pela frente.

Chegaram à noite na pequena cidade de Cochem. A cidade à beira do rio Mosel guarda uma arquitetura medieval e seria o esconderijo perfeito para um vampiro, se ele fosse discreto. Os vinhedos que cercam a cidade chamaram a atenção de Ludovic, mas ele preferiu comentar isso com Petrucchia. Foi difícil não chamar atenção no dia seguinte, por isso resolveram passar o dia no hospital, fingindo alguma enfermidade. Assim ficavam de olho nos pequenos bebês que certamente atrairiam Sandor.

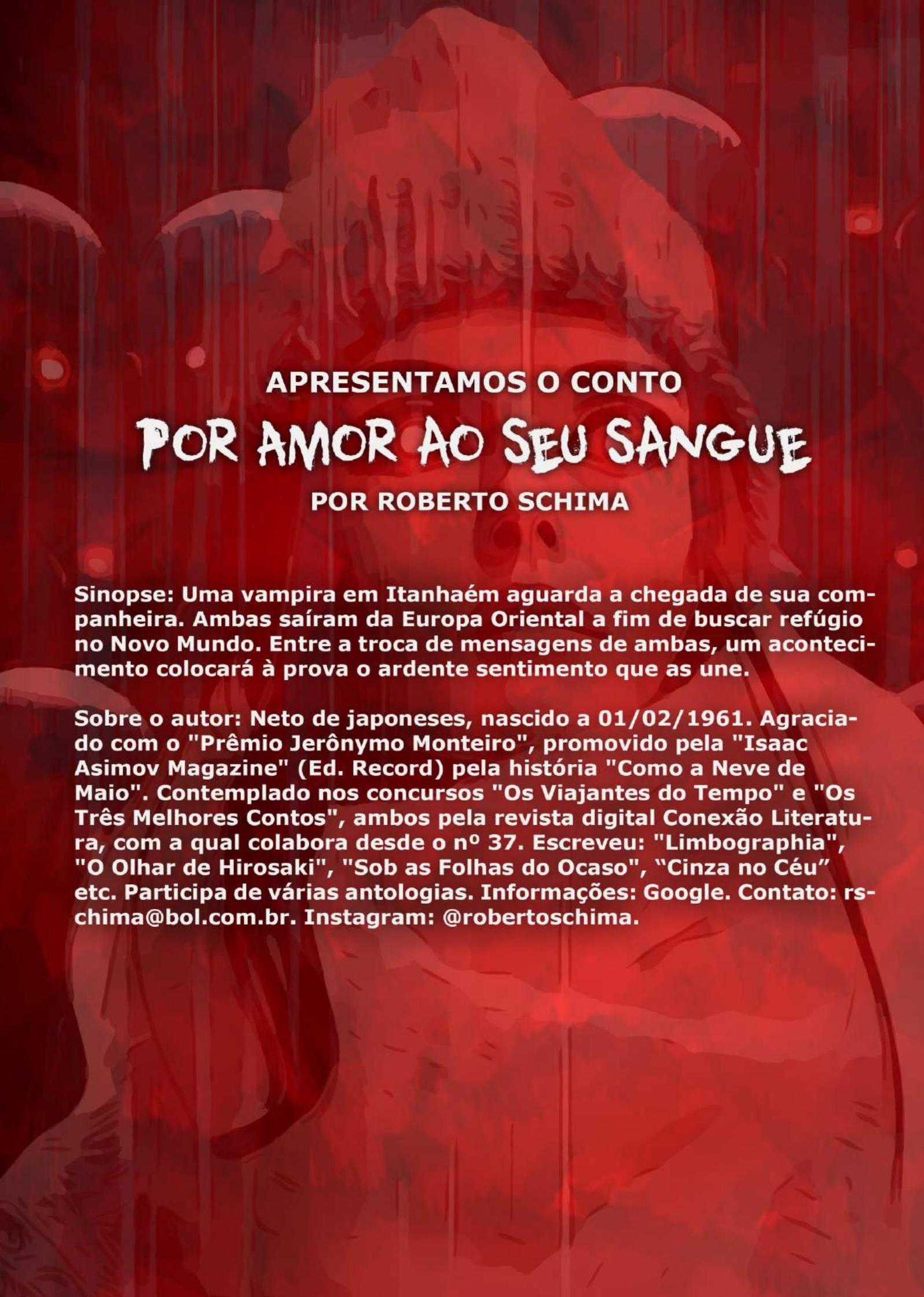
Durante essa tocaia o casal pôs a conversa em dia, sentados na sala de espera da instituição. Ele aproveitou a companhia dela o máximo que pode. Sentia falta do seu perfume e de sua voz. Não precisava que fossem amantes novamente. Só queria estar por perto. Era o bastante para a sua alma estar em paz. Ela por sua vez sentiu preenchida pela primeira vez uma falta que ela nem sabia que possuía. E absorveu aquele carinho silencioso com todas as suas forças.

Durante aquela madrugada eles sentiram uma estranha movimentação no setor da maternidade. Chegaram correndo e avistaram uma silhueta no escuro babando em cima dos bebês no berçário. Petrucchia entrou correndo e tropeçou em uma enfermeira mutilada no chão, acabou batendo a cabeça em um dos berços e caiu inconsciente.

Ludovic veio correndo logo atrás e saltou em direção à Sandor, que pegou seu pescoço com uma das mãos. Os dedos compridos com unhas grandes quase asfixiaram o vampiro que se agarrou na criatura e jogou o peso de seu corpo em direção à janela. Pegou a corda da persiana e a enrolou em seu pescoço. Sandor o largou, dando uma pequena janela de tempo para que o ex-caçador fizesse a sua primeira e última vítima, atirando-se da janela e levando a criatura junto.

O sol já estava nascendo quando Petrucchia acordou. Ela se levantou, viu a vidraça quebrada e olhou para baixo. Viu o cadáver de Sandor com um enorme pedaço de vidro enfiado em seu peito e Ludovic estirado no chão com um estranho sorriso e a sensação de dever cumprido estampada em seu rosto. Ela desceu correndo enquanto lágrimas de sangue brotavam de seus olhos. Morreram juntos, ele com a cabeça no colo de sua amada, que por sua vez tinha jurado em silêncio para si mesma que não o abandonaria uma segunda vez.





APRESENTAMOS O CONTO
POR AMOR AO SEU SANGUE

POR ROBERTO SCHIMA

Sinopse: Uma vampira em Itanhaém aguarda a chegada de sua companheira. Ambas saíram da Europa Oriental a fim de buscar refúgio no Novo Mundo. Entre a troca de mensagens de ambas, um acontecimento colocará à prova o ardente sentimento que as une.

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record) pela história "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participa de várias antologias. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br. Instagram: @robertoschima.

Itanhaém, 12 de fevereiro de...

Querida Lúcia
É metade do verão neste hemisfério e um calor escaldante tem se revezado com um céu encoberto e chuvoso que me faz pensar em nossa terra natal na Europa.

Adaptei-me bem a este lugar. No geral, as noites são tranquilas; as pessoas, boas, simplórias e habituadas a suas rotinas pacatas. Em sendo turística, a não ser pela beleza geográfica que independe da interferência humana, em termos de infraestrutura muito pouco há que possa atrair e acolher o turista ocasional. É a segunda cidade mais antiga do país; apesar disso, seu patrimônio histórico é escasso e não satisfaz de forma alguma a minha curiosidade. Depois das dezoito horas, a cidade praticamente morre. O comércio fecha. Ruas e avenidas ficam desertas. É quando os miliantes saem e a minha caçada começa. Dizem que a cidade é a mais violenta do estado. Não é difícil perceber o porquê. Quase não há policiamento no centro e menos ainda na periferia. Do topo de uma rocha que existe em um morro entre a chamada Praia do Sonho e o Cibratel, gosto de lá pousar e observar o luar refletido no oceano. Inevitavelmente, isso me faz pensar em você e onde o seu navio estará em meio ao vasto oceano.

Curiosamente, escutei boatos de que havia uma vampira por aqui antes de mim. Uma tal de Serafina. Parece que ela era de família abastada, moradora da região. Isso me faz pensar que deve haver outros vampiros no lugar, senão aquele que a transformou, os que foram por ela transformados.

Ah, mas vamos ao que importa... Que saudade, Lúcia!

Nem queira saber o quanto anseio por revê-la. Quanto tempo faz? Um mês? Dois? Desejo tomá-la em meus braços, cravar gentilmente meus caninos em seu pescoço e sugá-lo devagar, mergulhada no êxtase de seu sabor adocicado e na alva maciez de sua carne. Já preparei nosso recanto. É discreto e aconchegante. Quero senti-la por inteiro e aplacar minha libido.

Oh, só por escrever estas palavras fico tomada pela excitação! Turva meus olhos e ofusca os demais sentidos.

Quero afogar-me em seus cabelos e, depois, penteá-los para você.

Quero tê-la nua em meus braços... Venha depressa!

DIÁRIO DE LÚCIA

Em algum lugar do Oceano Atlântico, 15 de fevereiro de...

O mar está bravio como um potro jovem.

Ondas borrifam espuma na escotilha.

Recebi hoje a mensagem de Nina.

Deixou-me terrivelmente aflita, pois a saudade é recíproca. Acabei atacando uma jovem passageira da terceira classe a fim de saciar duas fomes. Ela era tenra e aveludada feito um pêssigo, mas apenas o apetite por sangue foi satisfeito. Atirei o corpo da infeliz às águas enfurecidas. O desejo por Nina me devora. Só de imaginar sua boca na minha garganta e, depois, a explorar meu corpo todo como ela gosta de fazer, desespera-me. Ah, a sua língua áspera e deliciosa a arrepiar minha pele! Quanto a mim, não vejo a hora de cravar meus dentes em seus seios, lambê-los e sugar o líquido rubro para, então, ouvi-la gemer e sussurrar em meus ouvidos: "Ai, meu bebezinho". Isso só aumentará minha volúpia e nos atracaremos madrugada adentro até o gozo mútuo quando, então, a sede por sangue falará mais alto e obrigar-nos-á a vagar pela noite adentro feito duas aves de rapina.

Ah, Nina, minha executora, minha mestre e minha amante!

Sim, foi você quem, num momento perdido no tempo, apanhou-me de surpresa numa viela escura, encantou-me com seu olhar, drenou-me a vida e sussurrou em meus ouvidos promessas de imortalidade. Nunca pensei que pudesse amar outra mulher. Sua paciência. Sua delicadeza. Sua sabedoria na arte do prazer. Eu saíra desnorteada da estalagem, após uma discussão com Abraão, meu noivo, o qual fraquejara em levar adiante o nosso compromisso após conseguir o que queria. Senti-me arrasada e suja. Mal podia imaginar que aquela saída iria me conduzir a um extraordinário renascimento.

Quanto a tal cidade no litoral brasileiro, servirá por enquanto. Muitos criminosos significam um bom sortimento de presas das quais ninguém sentirá falta. Quanto a precariedade de seu acervo histórico e a carência na estrutura turística, podem representar um certo descaso o qual será oportuno à nossa vida furtiva. Que importa se a vida noturna da cidade inexistente? Menos seguros ficarão aqueles que ousarem sair em busca de ar fresco.

Por ora, Nina prometeu-me um banho a duas de modo semelhante a que aquela condessa húngara, Erzsébet, costumava fazer. Talvez seja um desperdício de alimento, mas todas nós temos direito a alguma extravagância. Fico a imaginá-la ali,

voluptuosamente imersa na banheira, a aproximar seu rosto de minhas coxas e ancas. E depois, cada qual deleitar-se-á do sangue a cobrir o corpo da outra.

Preciso sair desta cabine agora e atacar outro passageiro. Espero que engulam a possibilidade de mais um "suicídio", mas se eu não parar de pensar em minha adorada, o Porto de Santos receberá um navio fantasma.

DIÁRIO DE NINA

Itanhaém, 20 de fevereiro de...

A chuvarada continua a cair pesada. O vendaval agita as árvores num balé louco e geme tal qual uma alcatéia. Porém, não há lobos no Brasil, o que é uma pena. À beira-mar, algumas casas perderam suas telhas. As ondas arrebatam sobre os rochedos furiosamente. Que prossiga a tempestade! Ofusquem os relâmpagos! Bradem os trovões!

Sinto-me feliz, excitada por minha tormenta interior.

Recebi a mensagem de Lúcia com enorme satisfação. Ri comigo ante a lembrança do "bebezinho". Ah, minha criança, como eu gosto de vê-la - e senti-la - assim em meu colo, tão vulnerável e tão bela como da primeira vez que a vi caminhando tristonha pelas ruas de Ciba. De imediato, percebi que pertencíamos uma a outra como duas peças de um quebra-cabeça que, enfim, se encaixavam.

A Europa Oriental é um mundo arraigado a antigas superstições e costumes, um mundo que vive no passado medieval. Por mais que a modernidade procure infiltrar-se, não passa de uma mancha de óleo a flutuar sobre águas escuras.

Precisávamos de novos ares, um país jovem de raízes curtas; um lugar sem memória, sem firmeza na fé, descrente de seus políticos, cético de tudo, desinteressado pelo próximo. Onde os religiosos fingissem idolatrar Deus, mas venerassem o dinheiro.

Aqui, no Novo Mundo, estamos livres de nossos perseguidores. Estamos livres, inclusive, de membros de nossa própria espécie que prefeririam nos ver transformadas em cinzas esparramadas ao vento.

Ainda me lembro como, certa noite, atrai um deles fazendo-me passar por uma vítima solitária a vagar sozinha pelas vielas de Balan, na orla da floresta de pinheiros. Se fosse um vampiro esperto, teria se perguntado por que uma jovem caminharia naquele lugar, àquela hora. Não temeria um salteador ou, pior, um urso pardo? Quanto pulou sobre mim, encontrava-me preparada e surpreendi-o. Eu era tão ágil e forte quanto ele. Cravei

meu punhal de lâmina de madeira em seu peito. Torci o cabo com sofreguidão. Pois, se havia alguma verdade sobre nós, era a de que odiávamos nossos semelhantes. A visão de outro sugador de sangue dá-nos a verdadeira dimensão do monstro ao qual fomos transformadas. Um vampiro é o epítome da solidão. Até a companhia de nosso próprio reflexo nos foi negada. Não obstante, estava errada. O maldito que destruí deveria ser muito mais antigo do que eu, pois desfez-se em pó rápida e completamente. Antes de desaparecer, fitou-me nos olhos e esboçou um sorriso. Talvez não fosse uma questão de falta de esperteza, mas de entrega. Ele abraçou o seu destino, farto do fardo dos séculos. E agradeceu-me por isso. Chega o momento em que um nosferatu busca pelo próprio fim.

Mas com Lúcia - e graças a ela - foi diferente desde o princípio. Eu não a ataquei como um predador abate uma caça. Eu a seduzi. E fui igualmente seduzida por ela. É um evento raro. Nossos olhares se encontraram e fomos mesmerizadas uma pela outra de imediato. A entrega foi mútua. Ela deu-me seu sangue e sua vida; eu, a imortalidade e meu amor. Somente assim a não-existência tornou-se tolerável, para não dizer prazerosa.

Hoje, capturei uma presa para nós.

Ela é linda. Seus cabelos são negros e sedosos. Tem por volta de vinte anos. Sua pele é bronzeada, morna e suave. Seus olhos são amendoados. Uma exótica mistura de sangue europeu e indígena. Um delicado fruto do mar a ser sorvido sem pressa. Mantê-la-ei saudável e alimentada até Lúcia chegar. Será o meu presente de boas-vindas.

O nome dela é Camila.

MENSAGEM DE LÚCIA

Aproximando-me da costa brasileira, 1º de março de...

Ah, Nina, nem queira saber a travessura que fiz nesta banheira enferrujada.

As mortes estavam despertando suspeitas nos tripulantes quanto a existência de um *serial killer*. Examinaram cada compartimento, inclusive nos níveis inferiores. Quando não localizaram um clandestino, detiveram-se na lista de passageiros para interrogatório. Felizmente, somos mais de novecentos e iniciaram pelos homens. Formaram grupos de vigília e deram instruções para que evitássemos caminhar pelos deques sozinhos. Um grumete demonstrou preocupação por eu viajar desacompanhada. Que gracinha!

A fim de desviar toda essa atenção, enviei ratazanas para o restaurante de primeira classe. Pode vislumbrar aquelas madames cheias de jóias e ares afetados, saboreando

seu caviar beluga, salmão grelhado e uma taça de *Château Haut-Brion* enquanto um peludinho roçava-lhes as pernas? Que urgência teria alguns desaparecimentos de gente da terceira classe, enquanto a esposa de um magnata dos balcões descabelava-se toda?

Sim, sei ser terrível quando quero.

Uma coisa curiosa em relação ao último passageiro do qual me servi. Era cristão ortodoxo e trazia um crucifixo no pescoço. Chegou a colocá-lo entre nós como proteção, porém, não senti temor algum. Aliás, até peguei-o na mão e arranquei a correntinha de seu pescoço. Será que é pelo fato de eu ter origem na minoria judia da Romênia?

Continuo a aprender o Português através dos livros e das gravações, por mais que eu deteste estudar idiomas. Não é tão difícil quanto supunha, afinal, também se trata de uma língua latina, não é mesmo?

Ah, por falar em língua, você não sente saudades da minha em seus mamilos?

Sim, sim... SIM! Eu sei: sou bastante terrível.

P.S.: Que presente é esse de que tanto fala?

MENSAGEM DE NINA

Itanhaém, 03 de março de...

O grande momento se aproxima!

Deve faltar pouco para você desembarcar.

Queria ir ao seu encontro, mas um contratempo me prende aqui.

Nem sei porque escrevo estas palavras, já que, breve cruzará a soleira.

Tenha certeza de que a história das ratazanas arrancou-me boas gargalhadas. Gostaria de ter visto a cara dessas madames.

Quanto a questão do crucifixo, seja ele católico ortodoxo ou católico romano, não tem a ver com a sua ascendência judia. Caso contrário, e quanto aqueles que, antes de se tornarem vampiros, eram protestantes, hindus, budistas, islâmicos ou ateus? Tampouco tem a ver com o objeto: a cruz. É a verdadeira Fé de quem manipula o objeto que faz com que este exerça ou não algum efeito sobre nós. Sob esse aspecto, em vez de uma cruz, poderia ser um objeto qualquer, até uma pedra, desde que a pessoa acreditasse estar sob sua proteção. Aliás, quero lhe contar um grande segredo. Em casos excepcionais, algumas pessoas são tão consagradas, têm a alma tão pura e uma Fé tão inabalável que não necessitam desse artifício. São os "iluminados". Elas próprias tornam-se o objeto e,

portanto, delas não nos podemos aproximar e, muito menos, tocar. Felizmente para nós, são minoria e seus interesses não se concentram necessariamente em nosso extermínio.

Mas vamos deixar o "magistério" de lado. Precisamos traçar nossos planos em relação às noites que virão. Estive cogitando de formarmos uma irmandade de vampiras. O que acha? Seríamos mais poderosas para combater nossos opositores e dominar as noites que se seguirão.

Poderíamos até inventar um nome para o grupo e um símbolo. Não chegarei ao ponto de sugerir um uniforme. Seria um tanto demais... Contudo, é algo a se pensar, principalmente existindo vampiros machos por aqui, os quais deveremos destruir sem misericórdia. Ainda não me deparei com eles, mas posso sentir algo na brisa noturna.

Sobre o presente de boas-vindas... Precisamos conversar.

DIÁRIO DE LÚCIA

A maldição dos *strigo!*

Isso não podia ter acontecido.

Que o mundo se desfaça em sangue!

O que vou fazer de minha não-existência?

Nina, por que tornou-se a mim um novo Abraão?

Tudo ao redor é imenso, amedrontador e desconhecido.

Estou tão desnordeada que não deveria estar escrevendo porcaria alguma. Obrigome a fazê-lo para não perder o fio que ainda me resta de sanidade.

Por que não perdi a visão naquele instante? Melhor ainda, por que não fui fulminada por um relâmpago tamanho o meu desgosto? Fui semeada, cuidada, amada. Assim, cresci, vi-me feliz. Para quê? Para ser destroçada pela visão do inferno numa noite tempestuosa?

Pois foi assim que aconteceu quando, sob a chuva forte, cheguei ao endereço mencionada por Nina. Encontrava-me cansada, porém, exultante de felicidade ante a expectativa de revê-la. Porém, uma pontada de inquietação incomodava-me. Estranhei sua última mensagem. Nina pareceu-me distante, tão diferente do escrito anterior e de todas as promessas de amor que tanto me excitaram.

A resposta gravou-se em mim feito ferro ardente sobre a carne ao encontrar Nina, minha Nina, minha criadora, minha algoz, minha amante, entrelaçada àquela jovem

chamada Camila. Esta deveria ter sido o nosso petisco. Todo o seu sangue deveria ter-nos banhado e o corpo descartado como um recipiente vazio. Todavia, o que presenciei estava muito longe disso, pois era dolorosamente familiar. Nina e Camila, nuas, engalfinhavam-se. Não era uma luta. Não era a caçadora e a presa. Eram duas amantes no cio. Em movimentos sensuais, Nina chupava o sangue do pescoço e do colo de Camila. Ao mesmo tempo os dedos de sua mão direita exploravam ávidas o interior daquilo que a moça possuía de mais íntimo. E esta se contorcia e gemia, mas não havia sofrimento, apenas uma atmosfera impregnada de lascívia, cheirando a sangue, suor e terra molhada.

Minha visão foi toldada por uma cortina rubra. Quando dei por mim, tinha apanhado o punhal de carvalho de Nina e o fincado entre seus seios cujas aréolas ainda traziam as marcas de meus dentes. Num misto de espanto, remorso e o horror, vi súplica em seu olhar. "Era para você também, bebezinho!", sussurrou. Entretanto, era demasiado tarde para nós. Sua carne alva pouco a pouco enrugou-se e ficou amarelada. Transformou-se num pergaminho quebradiço e, a seguir, Nina se desfez em cinzas, restando apenas seus ossos. Desesperada, ataquei Camila. Lacerei sua garganta e outras partes de seu corpo até nada restar além de uma massa sangrenta de carne, ossos e entranhas. Vomitei coágulos de sangue e fugi daquele lugar para a tormenta que prosseguia do lado de fora.

Era aquilo que Nina denominava Irmandade? Uma bacanal regada a sangue? Deveria ser só nos duas sob os lençóis! Ela não esperou pela minha decisão. Não levou em conta meus sentimentos. Não considerou tudo o que havia entre nós e a paixão que eu nutria por ela. Sua visão sobre amar foi ampla demais para eu suportar.

Agora, aqui estou sob a luz de velas em uma casa de veraneio abandonada. A noite, o frio e a chuva me chamam. A saudade e a solidão uivam em meus ouvidos e infiltram-se pela minha alma... Terei alma? Atravessei nações e um oceano, sonhando com o néctar e só me deparei com o fel da desilusão.

Entretanto, não estou pronta a buscar meu próprio fim, conforme ela escreveu em seu diário. Minha não-existência, por ora, não me é tão intolerável. Mas não quero passar pelas angústias que ela enfrentou até nos encontrarmos. Ao menos isso espero ter aprendido. Adeus, minha algoz, minha mentora, meu amor. Você me trouxe a morte e a imortalidade. Eu arranquei sua imortalidade e concedi-lhe o descanso eterno.

Agora, atenderei ao chamado da chuva, do frio e da noite.

Seguirei adiante naquilo que eu preciso fazer.

Partirei atrás daquela tal de Serafina.





APRESENTAMOS O POEMA
ALDRAVIA VAMPÍRICA

POR ROZZ MESSIAS

Sobre a autora: Rozz Messias é professora, pedagoga, psicopedagoga, contista, poeta e antologista. Autora dos Planos de Aula da Revista Nova Escola, "Papai, tem monstro?" e "Um galo lá em casa". Premiada três vezes pelo Concurso Literário de Colombo e outra pelo Conectando Saberes, no Projeto Cordel Extraordinário. Organizou a Trilogia "Lendas pelo Mundo", Idílico Concílio, Poemas Extraordinários, Gratidão e Alegria. Participa da ACILBRAS-Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil, da AIL-Academia Independente de Letras e da FEBACLA-Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências Letras e Artes.

vem

vampiro

vestindo

vermelho

bebendo

pecados





APRESENTAMOS O POEMA

VAMPIRO

POR ROZZ MESSIAS

Sobre a autora: Rozz Messias é professora, pedagoga, psicopedagoga, contista, poeta e antologista. Autora dos Planos de Aula da Revista Nova Escola, "Papai, tem monstro?" e "Um galo lá em casa". Premiada três vezes pelo Concurso Literário de Colombo e outra pelo Conectando Saberes, no Projeto Cordel Extraordinário. Organizou a Trilogia "Lendas pelo Mundo", Idílico Concílio, Poemas Extraordinários, Gratidão e Alegria. Participa da ACILBRAS-Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil, da AIL-Academia Independente de Letras e da FEBACLA-Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências Letras e Artes.

Como sei que ele é vampiro?
Porque sou atraída para ele
Porque ele me hipnotiza ao falar
Porque o sobrenatural o envolve
E porque ele é alheio aos meus encantos
Quero tanto um vampiro
Sei que é perigoso
É arriscado
Mas o que posso fazer
Se quero tê-lo por perto
Se desejo oferecer meu sangue para alimentá-lo?
Sei que somos diferentes
Que é algo impossível
Mas você já teve um vampiro
Ao alcance de suas mãos?
Já imaginou o prazer em ter
O corpo dele próximo ao seu?
Quero um vampiro
Já sinto o prazer da mordida
Já me imagino pondo uma estaca em seu coração!





APRESENTAMOS O POEMA
BEIJO DE SANGUE

POR ANDRESA CALLEGARI

Sobre a autora: Andresa Callegari natural de São Paulo-Capital. Formada em Ballet Clássico pela Escola de Ballet Manon Freire Giorgi. Estudou Piano na Escola de Música Blue Note. Técnica em Decoração de Interiores pela Escola Oficina de Artes. Atualmente cursando Filosofia na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Acadêmica na ACILBRAS – Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil - Cadeira 659/ Acadêmica na ALB – Academia de Literatura Brasil – Cadeira nº 80/ Acadêmica Internacional na FEBACLA – Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes – Cadeira 109 Patrona Florbela Espanca.

Presas de mim mesma,
Sou templo que abriga a fera.
Quando a noite cai,
Ela desperta.

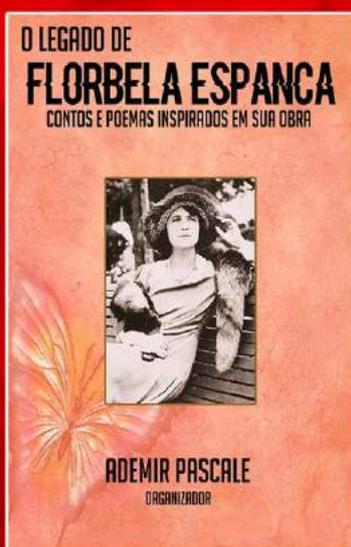
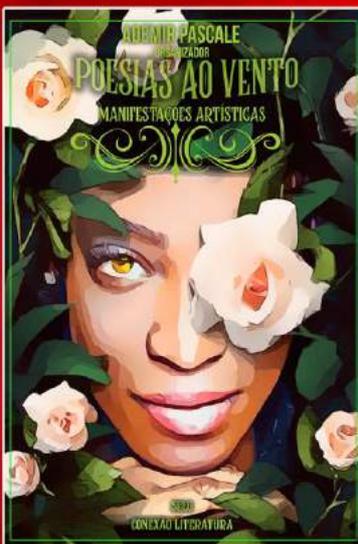
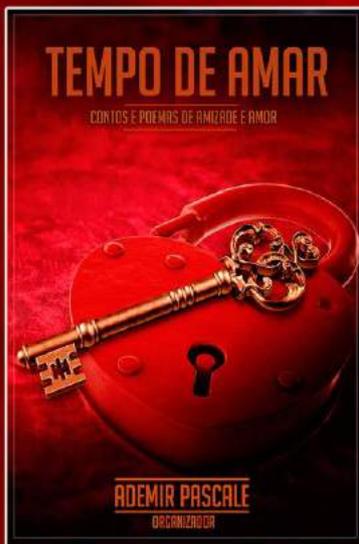
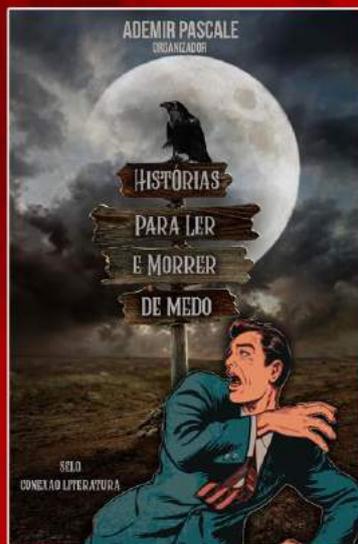
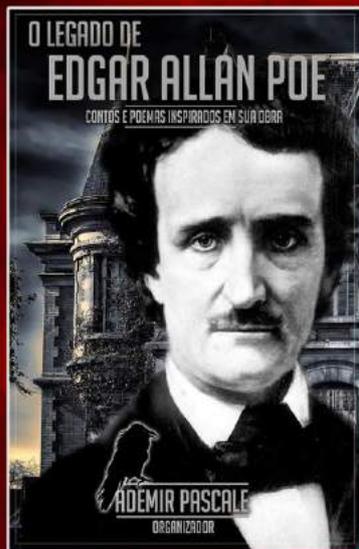
Uma sede abissal aflora em meus poros,
Meu corpo todo se contorce,
Meus dentes inflamam,
Ela quer se libertar.

Ela dança com o senhor da escuridão.
Envolvendo sua vítima no espetáculo de sedução.
Há um amante na história, que suplica por um beijo seu.
Na embriaguez da luxúria seus dentes penetram na pele amadeirada e a simbiose acontece.

Sangue quente escorre no canto de sua boca,
Em sincretismo Geburah canta e o encanto acontece, beijo que estremece, mais uma alma condenada a clausura de seus lábios.
Agora ela volta para dentro de mim, repousa plena em seu sono oculto até que a noite caia outra vez...



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI